

REVISTA

MM

Numismática e Medalhística

1.ª Série · Número 4 · 2021/2022

FICHA TÉCNICA

Revista M

ISSN 2184-2876

1.ª Série · Número 4 · 2021/2022

Âmbito e objetivos

A *Revista M* é a revista digital do Museu Casa da Moeda. Publicam-se textos que representam contributos relevantes para os estudos de Numismática, Medalhística e outras ciências. Admitem-se textos para publicação nas línguas portuguesa e inglesa e acolhem-se propostas para números monográficos dedicados a temáticas específicas.

Editor

Mário Gouveia (INCM/MCM)

Conselho Editorial

Alberto Canto García (UAM, Madrid)

Maria João Gaiato (INCM, Lisboa)

Maria Rosa Figueiredo (FCG, Lisboa)

Mário Barroca (FLUP, Porto)

Nuno Valério (ISEG, Lisboa)

Rita Martins de Sousa (ISEG, Lisboa)

Rui Centeno (FLUP, Porto)

Ruth Pliego Vázquez (US, Sevilha)

Coordenador do Número

Mário Gouveia (INCM/MCM)

Propriedade

Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda

Avenida António José de Almeida

Edifício Casa da Moeda

1000-042 Lisboa (Portugal)

museucasadoeda@incm.pt

www.museucasadoeda.pt

Design

Vivóeusébio

Paginação

Filipa Gregório (INCM/MCM)

Copyright © 2022 Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda.

ÍNDICE

EDITORIAL
02

NOTA DE
APRESENTAÇÃO
04

CONVITE À
APRESENTAÇÃO
DE ARTIGOS
97

..... ARTIGOS

**As moedas da coleção
Vitor Hugo:
O sonho de um
museu de história,
arqueologia
e etnografia em Pias
(Serpa)**
MARCO VALENTE

06

**O numismata
laborioso:
Damião Peres
e as origens do
Museu Numismático
Português**
MÁRIO GOUVEIA

77

**O que é um museu?
Reflexões sobre
a definição
proposta pelo
ICOM – International
Council of Museums
(Praga, 2022)**
MÁRIO GOUVEIA

89

EDITORIAL

O Museu Casa da Moeda tem à sua guarda uma das mais notáveis coleções numismáticas e medalhísticas de Portugal. A sua história remonta a 2017, data em que foi inaugurado durante uma cerimónia que decorreu no edifício da Casa da Moeda, em Lisboa. Mas podemos dizer que a sua história não se iniciou nessa data, visto que o MCM é sucedâneo de outra instituição museológica, cuja história recua a 1924: o Museu Numismático Português. Na sua origem, o MNP – tal como hoje o MCM – integrava dois núcleos principais, além de uma série de outros núcleos constituídos por um menor número de peças, mas nem por isso de menor valor histórico e patrimonial: falamos, como é evidente, da coleção Casa da Moeda e da coleção D. Luís.

Após a inauguração do MCM em 2017, tornou-se necessária a existência de um canal de contacto com o público que permitisse dar visibilidade aos trabalhos de investigação que tinham vindo a ser desenvolvidos pela comunidade numismática e medalhística. A *Revista M* nasceu com o propósito de conferir visibilidade a estes trabalhos, diferenciando-se dos restantes periódicos dedicados a estas áreas pelo facto de se apresentar em formato digital. A escolha deste formato enquadrava-se num processo que visa tornar o MCM uma experiência museológica voltada para as tecnologias do futuro, que permitem, entre outros aspetos, desmaterializar o acesso ao conhecimento. O número que agora se publica visa dar resposta a esta necessidade e inclui um conjunto de trabalhos cuja leitura suscitará a atenção e o interesse do público.

A *Revista M* está alojada no sítio do Museu Casa da Moeda e os seus artigos são divulgados nas redes sociais do museu, tendo em vista potenciar a leitura entre o público especializado e não-especializado. Os cinco números publicados incluem um total de vinte e dois artigos, perfazendo mais de quatrocentas páginas de texto ilustrado por

desenhos e fotografias. Os artigos são assinados por investigadores portugueses e estrangeiros, facto que se pode entender como resultado da projeção da revista. Além disso, os artigos abordam uma profusão de temas que já não se relacionam apenas com a numismática e a medalhística, visto que também incluem temas de notafilia, história, arqueologia e museologia. Cumprindo o que foi sempre o nosso propósito, a revista tem hoje um lugar de destaque entre os periódicos portugueses. Aberta à participação de todos os investigadores, o público pode continuar a contar com o trabalho e o empenho da equipa editorial em números futuros.

..... O Diretor do Museu Casa da Moeda
Duarte Azinheira

O Editor da *Revista M*
Mário Gouveia

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Este número da *Revista M* inclui um total de três artigos, assinados por dois investigadores portugueses, focando problemas de vária índole. De forma geral, os artigos tratam de três temas principais: a história, a numismática e a museologia, ainda que estes se cruzem com outras áreas científicas. À semelhança do que aconteceu noutros números, esta diversidade revela o carácter interdisciplinar da revista e demonstra a vitalidade dos estudos que se têm elaborado neste âmbito de investigação.

O artigo que abre este número é da autoria de Marco Valente (ICCIRA; CTA-IPT) e tem como título «As moedas da coleção Vítor Hugo. O sonho de um museu de história, arqueologia e etnografia em Pias (Serpa)». Neste artigo, o autor propõe-nos uma primeira abordagem a um conjunto de moedas que integram a coleção Vítor Hugo, reunida por um entusiasta privado da história da freguesia de Pias, em Serpa. Embora destituídas de contexto arqueológico, as moedas agora estudadas ajudam-nos a compreender as dinâmicas subjacentes à circulação monetária no território atualmente português ao longo de vários séculos, da época antiga à época moderna.

O artigo que se segue é da autoria de Mário Gouveia (INCM/MCM) e tem como título «O numismata laborioso. Damião Peres e as origens do Museu Numismático Português». Este artigo apresenta os primeiros resultados de um projeto que visa estudar a história do Museu Numismático Português, o primeiro museu nacional dedicado à numismática. O autor reflete sobre a ação de Damião Peres, um dos primeiros conservadores, e conclui que o seu trabalho perseguiu três objetivos principais: a inventariação da coleção numismática e medalhística, a gestão do processo jurídico e administrativo relativo à transferência da coleção D. Luís para o domínio público do Estado Português e a publicação de catálogos visando o estudo da coleção.

No segundo artigo que propôs para publicação, intitulado «O que é um museu? Reflexões sobre a definição proposta pelo ICOM – International Council of Museums (Praga, 2022)», Mário Gouveia reflete sobre uma questão que marcou a agenda dos museólogos ao longo do ano de 2022: a formulação de uma nova proposta de definição para o conceito de «museu», votada durante a Assembleia Geral Extraordinária do ICOM – International Council of Museums, que teve lugar em Praga nos finais do mês de agosto. Segundo apura o autor, esta definição não só destaca a importância da salvaguarda do património material e imaterial, como também evidencia o papel desempenhado pelos museus como instituições que estão ao serviço da sociedade, partilhando com ela o conhecimento e a experiência.

..... O Editor da *Revista M*
Mário Gouveia

MARCO VALENTE

International Cultural and Creative Industries Regulatory Authority (ICCIRA)
Centro Transdisciplinar das Arqueologias do Instituto Politécnico de Tomar (CTA-IPT)
marcopvalente@gmail.com

As moedas da coleção Vítor Hugo: O sonho de um museu de história, arqueologia e etnografia em Pias (Serpa)

REVISTA M · Nº 4 · 2021/2022 · 06 - 76

 MUSEU
CASA DA
MOEDA

CASA DA MOEDA

RESUMO

Este artigo procura efetuar uma primeira abordagem a uma série de moedas – parte de um acervo assinalável de objetos recolhidos por um privado entusiasta da história da freguesia de Pias – da coleção Vítor Hugo¹. A grande maioria delas terá sido recolhida no território abrangido pela freguesia de Pias e, mesmo descontextualizadas, ainda poderá fornecer algumas pistas acerca da circulação monetária ao longo dos séculos por estes terrenos telúricos.

PALAVRAS-CHAVE: Freguesia de Pias (Serpa); ligações comerciais; perda monetária; PAS Português.

ABSTRACT

The present article seeks to implement a first approach to a series of coins – part of a remarkable set of objects collected by a private enthusiast of the history of the township of Pias – from the Vítor Hugo collection. The most majority of them would have been collected on the territory of the township of Pias and, even without a more accurate context, they might still provide some clues regarding the monetary circulation throughout the centuries in this telluric location.

KEYWORDS: township of Pias (Serpa); commercial connections; monetary loss; Portuguese PAS.

¹ “Sonhava ver nascer um pequeno museu arqueológico/etnográfico (...). Com a sua autorização [esposa e filho] iniciei o estudo dos materiais metálicos (moedas e outros) assim como dos marcos do terreno e demais espólio de natureza arqueológico/etnográfica. O objectivo deste estudo passa assim pela elaboração da dita unidade museológica, recorrendo ao inventário das peças (ficha e foto respectiva), elaboração de pequeno dossier com informação mais detalhada acerca de cada um dos objectos e publicação assim como comunicações, sobre todas as formas, da colecção em si. Para que a comunidade em geral tenha conhecimento da dita e as ‘pessoas de Pias conheçam e valorizem o que é seu.’” (VALENTE 2017: 134).

O acervo da coleção Vítor Hugo, coletado durante décadas pelo próprio, elementos da população de Pias e demais interessados em contribuir para o sonho de aí se implantar um museu local de história, arqueologia e etnografia, representa a história de Pias ao longo de vários milénios¹. A título de exemplo, nela podemos observar os seguintes artefactos, que julgamos serem de uma riqueza patrimonial iniludível e bem mais que suficientes para ilustrar a história da freguesia de Pias ao longo dos tempos:



Figura 1 – Localização de Pias e do rio Guadiana, via de comunicação com o mar Mediterrâneo.



Figura 2 – Machados em pedra polida do período neo-calcolítico.



Figura 3 – Pingente de xorca (espécie de colar).



Figura 4 – Conta de colar (Idade do Bronze).



Figura 5 – Machado votivo em bronze.



Figura 6 – Machado votivo em bronze, fragmentado sensivelmente a meio.



Figura 7 – Pássaro sobre folha estilizada em bronze, de aparente influência mediterrânea (provável elemento de *thymiaterion*).

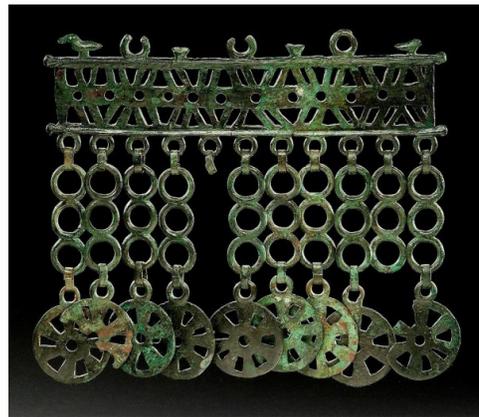
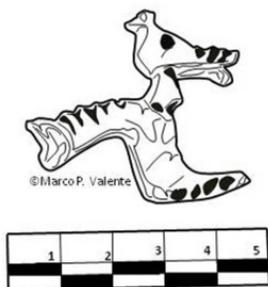
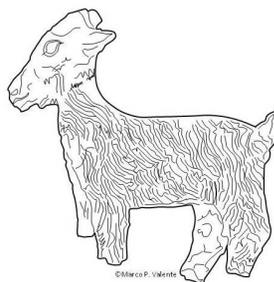


Figura 8 – Placa de bronze decorada com pássaros e símbolos solares (Moselle, França; século VI a.C.).



Elemento "plástico" de adorno.
Colocado em bordo de recipiente ou fazendo parte,
porventura de um *Thymiaterion*
(Altar para Incenso)
Pássaro em Bronze (Andorinha ou Pomba?).
Idade do Ferro?

Figura 9 – Desenho do artefacto apresentado na
figura 7.



Possível Ex-Voto à Deusa Paleohispânica
Ataegina / Ataecina / Proserpina.
Cabrinha em Bronze.
Época Romana?

Figura 11 – Desenho do artefacto apresentado na
figura 10.



Figura 10 – Bronze figurativo romano, representando
a deusa *Ataegina/Ataecina/Proserpina*.



Figura 12 – Projétil de funda em chumbo.



Figura 13 – Projétil de funda, com inscrição, do período das Guerras Sertorianas (créditos: Museu Mineiro do Rio Tinto, Espanha).



Figura 15 – Fíbula 1.



Figura 14 – Fragmento de espelho em bronze.



Figura 16 – Fíbula 2.



Figura 17 – Amuleto fático.



Figura 19 – Fragmento de fivela de influência islâmica.



Figura 18 – Fio-de-prumo em chumbo, com veio central em ferro.



Figura 20 – Passador em T.



Figura 21 – Base de colonata e pia da destruída igreja de S. António de Pias.



Figura 22 – Fragmentos de talha dourada da destruída igreja de S. António de Pias.

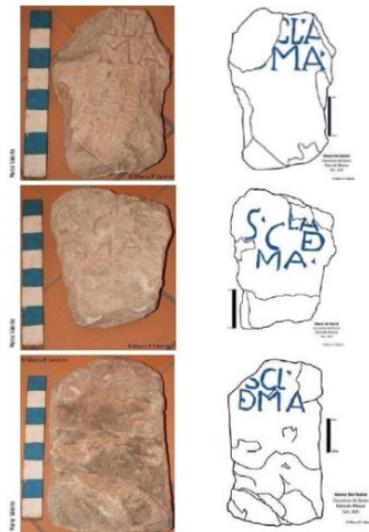


Figura 23 – Marcos de terreno do convento de S. Clara de Moura (século XVII).

Um PAS (*Portable Antiquities Scheme*, “Inventário das Antiguidades Móveis”) português: uma eterna utopia?

Desde que, em 1995, iniciámos a nossa atividade arqueológica como técnico de arqueologia na estação arqueológica da Quinta da Ervamoira (Vale do Côa) que as notícias e comentários acerca da destruição de sítios arqueológicos é uma constante². A atividade do detetorismo em território nacional é proibida por lei (com uma exceção para o Projeto IPSIIS³), embora aceite quando devidamente acompanhada por arqueólogos e enquadrada em contexto de trabalhos arqueológicos aprovados pela instituição da tutela. Porém, a atividade continua a ser desenvolvida em todo o território nacional e a situação das últimas décadas tem redundado no constante depauperar do património português pela via dos mercados paralelos. Cremos que a mesma deveria ser regulada, à semelhança do que sucede com o excelente exemplo inglês, em que a cultura do associativismo e o voluntariado, não sendo, em nosso entender, perfeita, ainda impera e é melhor do que o que acontece em solo português.

Da nossa parte, voltamos a referir que temos buscado, desde 1995, um constante e profícuo diálogo com as comunidades com as quais vamos desenvolvendo a nossa atividade, tendo em vista recuperar memórias de contextos passados, registos de sítios e objetos⁴ que ainda possam encerrar informações importantes e colegas de outros ramos científicos que se dediquem a estas temáticas patrimoniais. Voluntariamente encetámos diálogo para que as pessoas que possam ter consigo objetos que sejam importantes para a história das localidades onde vivem ou trabalham venham a doar os mesmos ao Estado português ou recebam uma justa recompensa pela comunicação desse achado, de acordo com a lei em vigor.

Os condicionalismos económicos e os fenómenos de crise constantes, comprovados pela supervisão económica do FMI por três ocasiões, já no período pós-25 de abril, fazem com que uma percentagem de indivíduos se dedique à atividade do detetorismo; outras, menos lícitas e nobres, serão as motivações de outros tantos. O que importa reter é que a atividade é desenvolvida, pelo que vamos escutando nos registos orais, também por elementos de forças policiais

2. Por este facto, criámos, com o apoio de inúmeros colegas, uma petição online pela defesa do património arqueológico nacional. Esta petição visa alertar e debater uma situação que depauperava constantemente o património português ou de origem portuguesa. (VALENTE 2018; 2020a; 2020b).
3. O IPSIIS foi criado em 2001, na dependência do já extinto CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática). Em 2014, instituiu-se como associação, passando a ficar sob a tutela direta do Museu de Portimão. Os membros desta associação possuem autorização para fazer o seu trabalho, devendo comunicar todas as peças encontradas, no prazo máximo de 48 horas, e entregá-las ao Museu de Portimão.
4. Fotografias antigas, memórias orais de sítios arqueológicos, objetos diversos, tais como numismas, cerâmicas, elementos pétreos, arte rupestre e demais artefactos que cumpram com o propósito de contar as histórias mais plausíveis que buscamos, desde o primeiro momento em que sonhámos ser arqueólogos. (Jorge 2003).

e judiciais. Por isso, torna-se irónica a existência de uma qualquer queixa relativa a esta atividade nalguns casos, pois estaremos a queixar-nos a um possível prevaricador. A situação, tal como está, é incomportável e leva à destruição de sítios arqueológicos. Então, o que podemos fazer para a mudar? No nosso entender, podemos fazer o seguinte:

Regulamentar a profissão de detetorista. Cada detetorista terá uma licença, número de registo e, sempre que queira desenvolver a sua atividade, deverá informar as autoridades competentes da sua área geográfica de atuação. Caso existam sítios arqueológicos conhecidos nessa área, o detetorista será terminantemente proibido de exercer a sua atividade nos ditos, salvo nos casos monitorados por um arqueólogo credenciado pelo Estado e devidamente enquadrados por projetos de investigação, mitigação ou salvaguarda;

Ao detetar sítios arqueológicos ou objetos de interesse arqueológico, o detetorista deveria obrigatoriamente comunicar os mesmos às autoridades competentes, que enviariam ao local arqueólogos credenciados para efetuarem o registo e a recolha, com carácter científico, de tudo o que fosse passível de ser coletado;

Um avaliador independente avaliaria o valor dos achados, sendo uma percentagem atribuída ao detetorista e outra ao proprietário dos terrenos;

Os objetos recuperados seriam recolhidos, tratados, inventariados e expostos para usufruto do público em geral num museu nacional ou, preferencialmente, em unidades museológicas locais, que assegurassem o seu bom estado, conservação, restauro, exposição e usufruto por toda a comunidade;

Para que este sistema funcionasse, o Estado deveria promover a contratação de arqueólogos que seguissem estes dossiers em particular, aliviando o trabalho efetuado pelos já escassos recursos humanos das delegações regionais da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

Estas são apenas algumas propostas iniciais; o caminho a trilhar será sempre juncado de escolhos, dificuldades e problemáticas que deverão ser solucionadas caso a caso. Se nada fizermos para mudar o estado a que chegámos, estaremos a ser coniventes com o *status quo* do que se tem passado nas últimas décadas, ficando “tudo como dantes no quartel de Abrantes.” Pela nossa parte, iremos prosseguindo com o estudo, a publicação e o aconselhamento das populações em geral, por todos os locais por onde passarmos e desenvolvermos a nossa atividade enquanto arqueólogos, porque somos da opinião que um arqueólogo deverá ser igualmente um formador. Mesmo no meio de todas as dificuldades económicas e pessoais que a nossa atividade acarreta, a anos-luz das figuras idílicas cinematográficas, acreditamos que o associativismo e a elucidação das

populações são o caminho a seguir para a proteção de um património que é de todos nós e do qual somos o seu expoente máximo. Uma utopia – dirão alguns? Acreditamos que não: é antes um caminho que urge trilhar o quanto antes.

Metodologia

Para a elaboração do inventário numismático, procedemos à digitalização de todos os exemplares presentes no acervo, incluindo as faces de anverso e reverso. Elaborámos depois uma base de dados em formato Excel, na qual incluímos o seguinte conjunto de tópicos descritivos: número de inventário, leitura do anverso, leitura do reverso, tipologia, metal, imperador, oficina, cronologia, peso, módulo maior, módulo menor e observações⁵.

Com esta base de dados, pretendíamos coligir o máximo de informação possível para responder a diversas questões suscitadas pela análise destes exemplares, incluindo:

Quais os metais mais utilizados? Por que se verifica a ausência de metais preciosos, como o ouro e a prata?⁶

Quais os imperadores e monarcas mais representados? Que tipo de informação esta representação esconde: maior influência económica durante esses períodos ou maior quantidade de numismas emitidos, em virtude de sucessivas desvalorizações monetárias?

Quais as oficinas monetárias de onde provinham os numismas encontrados na freguesia de Pias? Que hipóteses de trabalho podem ser levantadas a partir desta questão: áreas de maior influência económica ou lutas pelo controlo dos metais da Península Ibérica?

Quais os séculos com maior ou menor prevalência de numismas? Porquê?

O peso do numerário – salvaguardando problemas decorrentes da fratura ou do cerceio dos numismas – é um valor próximo ou, pelo contrário, afastado do peso oficial na época em que os numismas foram emitidos? A atestar-se a hipótese de desfasamento, o que poderia ter motivado esta questão?

Observações como a reutilização dos numismas como pendentes, reveladora, quiçá, da permanência de um culto ao imperador retratado nas peças, por exemplo; o cerceio de exemplares monetários para trocas comerciais (sobre exemplares perfeitamente nítidos ou apenas já chapas metálicas desgastadas pelo uso diário contínuo durante décadas ou até mesmo séculos).

Elaborámos 22 fichas para cidades diversas, dispersas pelo Império e ilustrativas da coleção em si, com o objetivo de acompanhar a respetiva exposição, entre elas se contando: Alexandria (Egito), Samaróbriva (Amiens,

-
5. De referir que todos estes exemplares carecem de ações de conservação e limpeza, de forma a permitir uma melhor leitura.
 6. “Apenas um exemplar de antoniniano parece ter sido forrado a prata, todos os restantes exemplares são de bronze, metal mais comum para as pequenas trocas comerciais.” (VALENTE 2017).

França), Antioquia (Antakya, Turquia), Aquileia (Udine, Itália), Arles (França), Constantinopla (Istambul, Turquia), Cízico (Mísia, Anatólia, Turquia), Emérita Augusta (Mérida, Espanha), Lépida Celsa (Velilla de Ebro, Espanha), Londínio (Londres, Inglaterra), Lugduno (Lyon, França), Pário (Andrasteia, Mísia, Anatólia, Turquia), Roma (Itália), Síscia (Sisak, Croácia), Tessalónica (Salónica, Grécia), Ticino (Pavia, Itália), Tréveris (Trier, Alemanha).



Figura 24 – Exemplo de ficha identificativa de exemplar de Ae3 de Constantino I, cunhado em Ticino (Pavia, Itália).

Cronologia romana

De um total de 286 moedas provenientes desta coleção – 6 das quais provenientes de nossas próprias prospeções, decorridas faseadamente entre setembro de 2013 e junho de 2016 no que teria sido a *pars urbana* da *uilla* da Herdade da Torre, localizada em Pias, e hoje completamente destruída, ou quase, pela plantação de olival intensivo⁷, sem nenhum tipo de acompanhamento arqueológico – 235 exemplares são de cronologia romana⁸.

Estes 235 exemplares foram alvo de uma primeira abordagem publicada em 2017, mas complementada agora com estampas de imagens de todos os exemplares em si, assim como por uma listagem com indicações acerca de cada um. A listagem e o registo imagético visam:

1. Apresentar imagens e leituras que possibilitem a outros colegas que estudem temas relacionados com a numismática ou com estes espaços geográficos a percepção do que mais existe e que ainda não tenha sido publicado;
2. Contribuir para a leitura cronológica, mormente em cronologia romana, dos espaços geográficos em questão;

7. A destruição de que é alvo o património histórico, arqueológico e etnográfico do Alentejo tem sido avassaladora nestas últimas décadas, muito devido ao fenómeno da agricultura intensiva, que, sem nenhum tipo de acompanhamento arqueológico e patrimonial, faz com que milhares de sítios já tenham sido destruídos, depauperando assim a herança cultural portuguesa. Em janeiro de 2018, uma série de arqueólogos lançou uma petição online pela defesa do património arqueológico nacional, aberta a todos os colegas que quisessem juntar-se a esta causa e assim fazer escutar o seu grito de revolta. Até ao momento, esta petição juntou cerca de 1630 assinaturas. Quando todos os trabalhos que impliquem movimentação de terras tiverem acompanhamento arqueológico, incluindo o registo e a salvaguarda de artefactos e de estruturas arqueológicas, esta luta terá chegado ao fim e outras causas merecerão a nossa atenção. Sublinhemos que a dita petição teve, até ao momento, divulgação no seio da comunidade arqueológica nacional e internacional, através de revistas como a *al-Madan* (VALENTE 2018) e *Arnava* (VALENTE 2020a).

8. VALENTE 2017.

3. Elaborar uma base de dados, um PAS⁹ português, incluindo o registo de milhares de artefactos e a sua divulgação pela comunidade científica e a população em geral;
4. Trazer à luz mais alguns objetos que outros particulares possam ter na sua posse e que queiram ver estudados, publicados, valorizados e, eventualmente, doados à freguesia ou à autarquia, para exposição em unidades museológicas centrais (Museu de Serpa), ou ainda para a criação de pequenas unidades museológicas locais, como era nossa ideia inicial¹⁰ e seguindo a vontade do falecido sr. Vítor Hugo.

Proveniência dos numismas achados em Pias (séculos I a.C.-I d.C.)

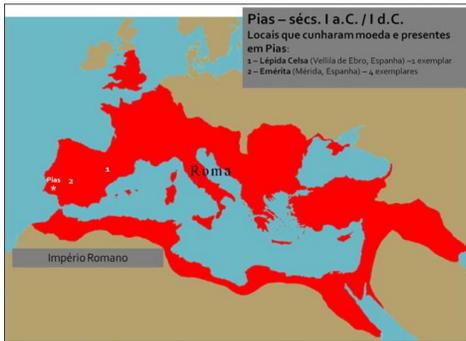


Figura 25 – Proveniência dos numismas (séculos I a.C.-I d.C.).

Relativamente aos séculos I a.C. e I d.C., identificámos a proveniência inequívoca de 5 exemplares, um cunhado em Lérida Celsa e quatro outros em Mérida. A prevalência de moedas cunhadas unicamente na Península Ibérica é evidente, situação que irá desaparecer por completo nos séculos subsequentes. Nos inícios do Império, essa situação não se regista apenas em Pias, uma vez que também é observável em *Aeminium*, a título de exemplo¹¹. Não mais observaremos a cunhagem de moeda local, mas sim com origem noutros pontos do Império. O predomínio comercial – numa economia que nos parece ter tido fases de forte monetização, como veremos em seguida para este caso de estudo – localizado em áreas situadas fora do espaço geográfico peninsular ibérico evidencia, em nosso entender, o crescimento das trocas comerciais com outros pontos do Império, com predominância para as localidades portuárias.

Para se ter uma ideia acerca dos preços praticados no século I d.C., veja-se a tabela que se segue:

9. O PAS (*Portable Antiquities Scheme*) já está implementado no Reino Unido há décadas, permitindo, até ao momento, o registo de centenas de milhar de objetos, maioritariamente na posse de particulares, que, de outra forma, ficariam desconhecidos dos investigadores e do público em geral. Este facto contribui para abrir a arqueologia ao usufruto de todas as populações e não apenas de alguns eventuais interessados. Este corresponde a “um caso de estudo, incluído numa construção contínua de base de dados SIG, tendo por cenário o Baixo Alentejo e o Algarve.” Além disso, “pretende-se assim efectuar a localização e o registo de numismas [e outros objectos] de todas as épocas (...) provenientes de prospecções, colecções privadas, doações, entesouramentos e escavações arqueológicas (...) por forma a complementar quer os nossos, como os estudos de colegas que se possam interessar por estas temáticas.” (VALENTE 2017).
10. VALENTE *et al.* (no prelo).
11. “Para concluir, parece-nos inegável o grande contributo das moedas cunhadas na Península Ibérica na circulação monetária de *Aeminium* durante os inícios do Império.” (Pereira 2021: 32).

| Produto/Salário | Valor |
|---|------------------------------|
| 1 quarto de azeite | 2-3 sestércios |
| 1 ida aos banhos | 0,25 asse |
| 1 túnica | 15 sestércios |
| 1 noite com uma prostituta | 4 sestércios |
| 1 burro | 500 sestércios |
| 1 escravo | 1.000-2.000 sestércios |
| Trabalho manual não-especializado | 32 sestércios |
| Salário romano mensal | 60-80 sestércios |
| Salário mensal de professor de aritmética (por aluno) | 75 sestércios |
| Salário mensal de legionário | 100 sestércios |
| Bónus de reforma de legionário | 12.000 sestércios |
| Salário mensal de guarda pretoriano | 250 sestércios |
| Salário mensal de senador | > 25.000 sestércios |
| Preço de uma pequena quinta | 100.000 sestércios |
| Preço de uma <i>uilla</i> | 500.000-2.500.000 sestércios |

Tabela 1 – Tabela de preços de produtos, serviços e salários no século I d.C., baseada em inscrições encontradas em Pompeia.

Proveniência dos numismas achados em Pias (século II d.C.)

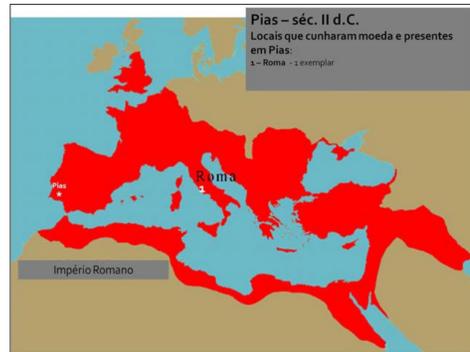


Figura 26 – Proveniência dos numismas (século II d.C.).

Relativamente ao século II d.C., apenas conseguimos apurar, como local de proveniência, a oficina de Roma, observável num sestércio de Adriano (e que será muito provavelmente proveniente da *uilla* da Herdade da Torre¹², pelo que fomos informados).

Proveniência dos numismas achados em Pias (século III d.C.)

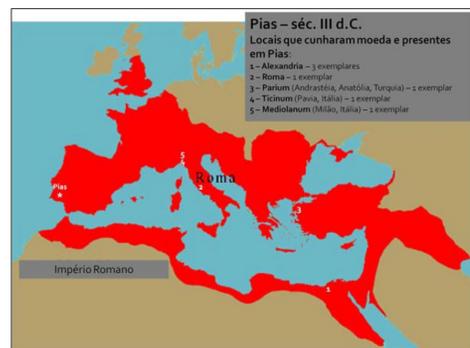


Figura 27 – Proveniência dos numismas (século III d.C.).

12. Alguns exemplares monetários de cronologia romana seriam provenientes da *uilla* da Corte do Alho, localizada em Vale Vargo, cuja *pars urbana* terá sido irremediavelmente destruída, segundo informação que nos fizeram chegar.

No século III d.C., o Oriente parece adquirir predominância, uma vez que Alexandria, no Egito, surge representada por 3 exemplares. Do porto de Pário (que se encontrava dependente de Cízico, que veremos surgir no século IV d.C.), temos 1 exemplar¹³, sendo os restantes 3 provenientes de oficinas localizadas na Península Itálica.

Proveniência dos numismas achados em Pias (século IV d.C.)

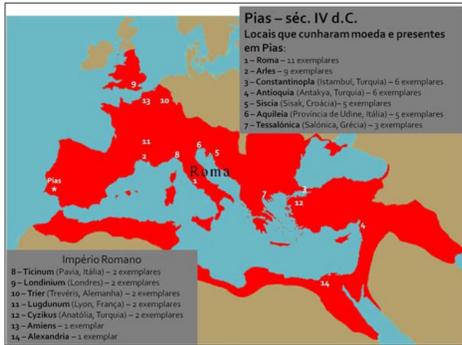


Figura 28 – Proveniência dos numismas (século IV d.C.).

Relativamente ao século IV d.C., a presença de numismas aumenta exponencialmente e de forma avassaladora,

face às épocas transatas. Em termos geográficos, temos agora exemplares cunhados desde Londínio (Londres) até Antioquia (Antakya). De um total de 57 exemplares monetários cuja proveniência conseguimos apurar, observamos que mais do dobro provém de oficinas monetárias do Império Romano do Ocidente, com 39 exemplares. Das oficinas monetárias do Império Romano do Oriente, surgem apenas 18 exemplares¹⁴.

Tópicos para discussão

Bronzes banhados a prata

Os exemplares que apresentam os seguintes números de inventário podem ter levado um banho de prata:

1. N.º 82 – Galieno, antoniniano, Roma, século III d.C. (257 ou 258 d.C.);
2. N.º 99 – Galieno, antoniniano, Roma ou Síscia, século III d.C. (253 a 268 d.C.).

Esta solução era praticada quando, pela escassez de metal precioso, as autoridades romanas eram forçadas a banhar, com prata, as moedas de bronze.

13. Único exemplar monetário (de um total de 235 de cronologia romana) com a representação, na face principal, de uma figura feminina. Trata-se, neste caso, de Cornélia. O numisma foi cunhado em 253.
14. “Sabemos perfeitamente que estas afirmações são meramente conjecturais e o início de formulações de hipóteses. Cremos que para estes espaços geográficos ainda não foram efectuados estudos sistemáticos e de relevo. Conjuntamente com os dados de outros colegas, provenientes de contextos de escavação (por exemplo), estas conjecturas poderão aprimorar-se se começarmos a ter uma visão de conjunto relativamente a estas questões de economia monetária em épocas de influência romana. Também temos a perfeita consciência (face a numismas que não surgem em contextos cronologicamente mais precisos), que devido a reutilizações sucessivas de espécies numismáticas em épocas posteriores, os mesmos podem ter sido trazidos nessas mesmas épocas para a freguesia de Pias. Por isso é que os dados de escavações ou demais trabalhos efectuados em contextos preservados são necessários, de forma a corroborar ou pôr em causa as conclusões (mantidas por nós em aberto) deste nosso pequeno estudo. Mas para tal é necessário que tais dados se encontrem disponíveis, ou pelo menos facilmente acessíveis.” (VALENTE 2017: 139).

Molde, cunhagem em “cacho de uvas”

A cunhagem em “cacho de uvas” – ou, por outras palavras, “a molde” – era um dos modos de fabrico e emissão de moedas em época romana, para além da moeda batida com dois cunhos (de base e de martelo).

Da cunhagem em molde de “cacho de uvas” temos como exemplo o seguinte numisma:

1. N.º 252 – imperador indeterminado, bronze, *Gloria exercitus*.

Podemos observar vestígios desse molde à esquerda do exemplar, devido à presença de um pingo que verteu para o dito molde e que ficou assim adossado ao numisma.

Um provável medalhão, pela sua dimensão

Um bronze, de imperador indeterminado, poderá constituir, devido à sua dimensão (32-34mm) um provável medalhão, correspondente ao n.º 258 do inventário. Voltamos a frisar que, com as devidas ações de limpeza e conservação dos exemplares numismáticos, poderemos obter mais leituras e pormenores válidos para a compreensão

dos fenómenos de perda monetária ou identificação dos locais de proveniência dos exemplares, casos únicos e específicos, reutilizações, circulação monetária e cerceio, modos de cunhagem, superstição e outros.

Cronologia islâmica

Quando o arqueólogo Fragoso de Lima calcorreou os terrenos da freguesia, a 12 de outubro de 1941, apenas no registo oral lendário se mencionava a presença de graciosas mouras encantadas, que, pelo nascer do sol matinal, iam lavar os seus longos e esbeltos cabelos ao Barranco das Amoreiras¹⁵. Luís Figueira Borges menciona que também por Pias teriam passado os “árabes”¹⁶. Oito décadas volvidas sobre a visita de Fragoso de Lima a esta localidade, em consulta à base de dados do Portal do Arqueólogo (*Endovélico*), apenas surge referenciado para a freguesia de Pias um sítio com presença islâmica: o Monte do Zambujeiro, local de implantação de uma anterior *villa* romana, onde se efetuou um achado isolado¹⁷.

Num trabalho sobre a arqueologia do concelho de Serpa, editado em 1997 pela arqueóloga Conceição Lopes e por outros colegas, identifica-se mais um

15. FRAGOSO 1999: 99.

16. BORGES 1986. Com os conhecimentos que hoje possuímos, sabemos que árabes mesmo, na Península Ibérica, terão sido poucos. Maioritariamente, dos povos islamizados que aqui tivemos presença, no que à região de Beja diz respeito, trata-se de berberes e de alguns contingentes militares do Egipto (o célebre *jund* de 124 H./742 d.C.) e, já anteriormente, *balaḍj̣un* sírios (122 H./740 d.C.).

17. “No Museu Arqueológico de Serpa encontra-se ainda um molde islâmico que parece ter sido encontrado nas imediações desta *villa* romana; trata-se de uma placa paralelepípedica de ardósia, com uma inscrição em cúfico numa das faces e quatro crescentes com diferentes dimensões na outra” (*Endovélico*; acesso: 21/02/2021). Descrito como molde (LOPES 1997: 31).

sítio com vestígios de presença – ou, pelo menos, de artefactos – de época islâmica: a Figueirinha. Helena Catarino, na mesma publicação, afirma: no Zambujeiro, “onde se recolheu o molde de Pias, pode ter sido meramente utilizada para estabelecimento artesanal de fundição.”¹⁸

Santiago Macias refere, para os terrenos em redor de Pias, que os “sítios rurais têm nesta zona particular importância, em especial nos terrenos a norte de Serpa, mais férteis, e longe das terras inóspitas da serra que separa esta vila do alfoz de Mértola. Foi nos terrenos em volta da ribeira do Enxoé que se constatou uma densa ocupação humana do período romano, que a islamização continuou.”¹⁹ Verificamos, assim, que, nos nossos dias, os registos materiais da passagem ou da presença islâmica por Pias são muito escassos.

Os trabalhos que se têm efetuado mais recentemente, no âmbito do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, da responsabilidade da EDIA, S.A., têm vindo a colocar a descoberto, promovendo a sua escavação e registo, uma miríade de novos sítios arqueológicos, cuja existência, na maioria dos casos, se desconhecia por completo. Os colegas que têm efetuado essas escavações terão encontrado, em Pias, outros vestígios relativos à presença islâmica. Aguardamos, pois, pela publicação integral dos resultados desses trabalhos, para que a comunidade deles possa usufruir. Na coleção

do sr. Vítor Hugo, inclui-se um único (de que tenhamos notícia) numisma islâmico, em prata²⁰, encontrado neste espaço.



©Marco P. Valente



©Marco P. Valente

Figura 29 – *Dirham* cunhado em al-Andalus, por volta de 193 ou 198 H. (808 a 814 d.C.).

No registo arqueológico, os numismas de época islâmica são geralmente

18. LOPES 1997.

19. MACIAS 2005.

20. Teria surgido na altura em que se deu a demolição de uma casa em taipa, na zona mais antiga da vila de Pias, misturado com a taipa.

escassos. Nos contextos em que surgem – e quando estão associados a metais nobres, como o ouro e a prata – estes ocorrem, por norma, em contextos de entesouramento, ou seja, em quantidades significativas. Assim sendo, o surgimento deste *dirham* em prata representa um caso de extrema raridade²¹.

Todos estes objetos constituem marcas que, isoladas, de nada ou pouco valem, mas que, quando são observadas, estudadas e devidamente contextualizadas, representam um contributo adicional para o nosso conhecimento acerca de um passado que tantas vezes nos passa despercebido.

Cronologia medieval

Século XV

1. N.º 47 – D. Duarte I, real preto, em cobre, cunhado em Lisboa (1433 a 1438)²².

Cronologia moderna

D. Afonso V (1438 a 1481)

Se existe moeda da qual foram cunhados exemplares em quantidades massivas, esta foi seguramente o ceitil²³.

Temos o exemplar de D. Afonso V representado na figura 30, cunhado em pleno século XV.



Figura 30 – Anverso e reverso de ceitil de D. Afonso V.

21. Agradecemos a disponibilidade e a amabilidade do dr. Abdallah Khawli em proceder à leitura e à tradução da legenda deste exemplar.
22. De referir que, na coleção do Museu Nacional Machado de Castro, existem 7 exemplares de reais pretos cunhados em Lisboa, à semelhança deste (PEREIRA 2021: 393).
23. O ceitil, ao longo da sua vida útil, foi uma moeda de uso comum pela população. No reinado de D. Afonso V, a sua cunhagem foi imensa – a título de exemplo, no sítio arqueológico da Horta da Misericórdia, em Faro, de um total de cerca de 600 exemplares monetários descobertos, que iam desde épocas pré-romanas até contemporâneas, 155 eram ceitils de D. Afonso V, o que nos levou a colocar a hipótese da eventual existência de uma oficina de cunhagem, mesmo que temporária, nesse local (VALENTE 2013).

No averso deste ceutil podemos observar um castelo, banhado, na sua base, pelas águas do mar ou do rio. A legenda permite identificar o monarca que o mandou cunhar, pois nele podemos ler ALFONQ, uma das legendas utilizadas por este monarca português. No reverso podemos observar as cinco quinas, no interior de um escudo almendrado, escudo esse que se encontra sobreposto a uma cruz da Ordem de Avis.

No total, foram identificados 6 exemplares de moedas cunhadas por este rei:

1. N.º 18 – ceutil, em cobre;
2. N.º 20 – ceutil, em cobre;
3. N.º 25 – ceutil, em cobre;
4. N.º 32 – ceutil, em cobre;
5. N.º 42 – ½ real preto, em cobre;
6. N.º 51 – ceutil, em cobre.

D. João II (1481 a 1495)

D. João II está representado por apenas 1 exemplar:

1. N.º 33 – ceutil, em cobre.

Séculos XV/XVI

D. Manuel I (1495 a 1521)

D. Manuel I é o monarca mais representado no que respeita a ceitis, com um total de 10 exemplares²⁴:

1. N.º 16 – ceutil, em cobre;
2. N.º 19 – ceutil, em cobre;
3. N.º 28 – ceutil, em cobre;
4. N.º 29 – ceutil, em cobre;
5. N.º 30 – ceutil, em cobre;
6. N.º 31 – ceutil, em cobre;
7. N.º 35 – ceutil, em cobre;
8. N.º 36 – ceutil, em cobre;
9. N.º 40 – ceutil, em cobre;
10. N.º 41 – ceutil, em cobre.

Indeterminadas

1. N.º 17 – D. João II ou D. João III, ceutil, em cobre;
2. N.º 21 – D. João II ou D. João III, ceutil, em cobre;
3. N.º 34 – D. João II ou D. João III ceutil, em cobre;
4. N.º 38 – D. João II ou D. João III ceutil, em cobre;
5. N.º 46 – séculos XV ou XVI, ceutil, em cobre;
6. N.º 48 – D. João II ou D. João III, ceutil, em cobre.

Século XVI

D. João III (1521 a 1557)

1. N.º 22 – ceutil, em cobre;
2. N.º 26 – ceutil, em cobre;
3. N.º 27 – ceutil, em cobre;
4. N.º 37 – ceutil, em cobre;
5. N.º 39 – ceutil, em cobre.

24. O ato de cunhagem de moedas era designado, nestas épocas, como “bater moeda”, pois uma chapa metálica era arredondada e posteriormente batida em ambas as faces com instrumentos próprios, de forma a que as legendas e os símbolos ficassem nelas gravados (VALENTE 2013).

D. Sebastião (1557 a 1578)

1. N.º 4 – V reais, em cobre;
2. N.º 15 – V reais, em cobre.

Século XVII

A peculiaridade dos 3 numismas atribuíveis, sem margem para dúvidas, a este século é a de que todos foram cunhados em Espanha. A proximidade da fronteira – e, provavelmente, as trocas comerciais aí decorridas – explicará a presença destes exemplares cunhados no período em que Portugal integrava a Monarquia Hispânica.

1. N.º 9 – Filipe IV de Espanha, 4 maravedis, em cobre, carimbados (*resellados*);
2. N.º 10 – Filipe IV (?) de Espanha, 4 maravedis, em cobre, carimbados (*resellados*);
3. N.º 166 – Filipe IV de Espanha (1603), 2 maravedis, em cobre.

Cronologia contemporânea**Século XVIII**

Para este período registam-se 2 exemplares de X réis, em cobre, batidos no reinado de D. José I, um deles reutilizado possivelmente como botão e já abordado no presente artigo.

1. N.º 12 – D. José I (1764), X réis, em cobre;
2. N.º 13 – D. José I, X réis, em cobre.

Século XIX

Deste século, o destaque recai sobre o exemplar de 2 macutas, em cobre, lavrado durante a regência de D. João, futuro rei D. João VI, em 1815, ano da derrota napoleónica em Waterloo. Este exemplar terá sido cunhado no Rio de Janeiro, local de refúgio da família real durante as invasões francesas, para circular em Angola.

1. N.º 14 – D. João Príncipe Regente (1815), 2 macutas, em cobre;
2. N.º 8 – D. Maria II (1846), X réis, em cobre;
3. N.º 5 – D. Luís I, XX réis, em cobre;
4. N.º 6 – D. Luís I, XX réis, em cobre;
5. N.º 11 – D. Luís I (1883), XX réis, em cobre.

Século XX

De todo o século XX, existem apenas 3 exemplares numismáticos. São, em todos os casos, moedas usadas no dia-a-dia para as pequenas trocas comerciais.

1. N.º 2 – 5 centavos, em bronze (1924);
2. N.º 3 – 10 centavos, em bronze (1925);
3. N.º 280 – 50 centavos, em bronze (década de 70).

Os numismas cerceados como evidências da existência de trocas comerciais**Cerceios de época romana**

Os seguintes exemplares correspondem a cerceios de época romana:

1. N.º 100 – indeterminada, cerceada na zona da orla inferior;
2. N.º 103 – Constantino I (século IV, 307 a 337), poderá estar somente fragmentada;
3. N.º 185 – indeterminada (séculos II a IV?), cerceada indubitavelmente a meio;
4. N.º 186 – Graciano (século IV, 367 a 383), cerceada indubitavelmente a meio;
5. N.º 223 – indeterminada, cerceada parcialmente;
6. N.º 224 – indeterminada, cerceada parcialmente;
7. N.º 225 – Constantino I (século IV, 307 a 337), cerceada aparentemente na orla inferior;
8. N.º 226 – indeterminada, cerceada indubitavelmente a meio;
9. N.º 282 – indeterminada, cerceada parcialmente, possível sestércio (séculos I a III?).

De um total de 9 exemplares que parecem ter sofrido ações de cerceio, 3 são do século IV, inegavelmente – o que poderá ser o caso de mais alguns destes exemplares –, sendo essa época conhecida como uma conjuntura de crise e desvalorização monetária²⁵. Os exemplares n.ºs 226 e 245 poderão estar relacionados com o défice de moeda divisionária em circulação, corrente entre os séculos I a.C. e II d.C.²⁶



Figura 31 – Numismas romanos cerceados.

Nos casos em que o cerceio – ou a tentativa de cerceio – é evidente²⁷, como nos exemplares acima ilustrados, isto poderá indicar utilização em trocas comerciais, uma vez que o valor nominal ficaria reduzido a metade. Este é um dado que se deve ter sempre em conta quando se realizam estudos que visem obter informações ao nível das trocas ocorridas em diferentes épocas. Embora nem todas as moedas fossem alvo de cerceio, as que o eram podem ter sido utilizadas naqueles contextos. Algumas destas moedas, revelando desgaste já na altura em que se deu o cerceio, podem ter circulado devido à quantidade de metal que possuíam, para além da sua função imagética e propagandística²⁸.

25. O facto de as moedas poderem ser utilizadas centenas ou até mais de mil anos depois da sua cunhagem (como aconteceu, a título de exemplo, com os numismas romanos que ainda circulavam no tempo dos primeiros reis portugueses, devido ao seu peso em metal) não nos permite tecer considerações de outro teor.

26. VILLARONGA 1979: 299-300.

27. Nunca confundido, porém, com moedas fragmentadas naturalmente, quer pela fraca qualidade do metal em si, quer devido à ocorrência de processos pós-deposicionais.

28. VALENTE 2013.

Cerceios de época moderna (séculos XV e XVI)

D. João II ou D. João III²⁹

1. N.º 34 – ceartil, em cobre, cerceado na orla;
2. N.º 38 – ceartil, em cobre, cerceado na orla.

D. Manuel I

1. N.º 19 – ceartil, em cobre, cerceado na orla;
2. N.º 30 – ceartil, em cobre, cerceado parcialmente na orla;
3. N.º 40 – ceartil, em cobre, cerceado na orla.

Do período da expansão portuguesa – e, por conseguinte, da época em que se regista o aumento das trocas comerciais no país –, temos 5 exemplares cerceados. O cerceio ocorre frequentemente na orla, ficando o campo dos exemplares geralmente intacto. Este facto permitia que os exemplares fossem sempre identificados como ceitis.

O ceartil foi a moeda mais utilizada em contextos de troca comercial diária, o que também pode explicar a frequência do cerceio. Esta prática foi comum nos exemplares de cobre, mas não nos

cunhados em metais nobres, como o ouro e a prata³⁰.

Entre os 600 exemplares recolhidos no sítio da Horta da Misericórdia, em Faro, também os ceitis parecem ter sido alvo de cerceio, uma vez que surgem dobrados a meio ou até mesmo cortados. Destes, 12 parecem ter sofrido cerceio³¹.

Reutilizações

Botões

No registo arqueológico, é usual encontrarmos numismas que são reutilizados como botões. Este é o caso do numisma representado na figura abaixo, encontrado em trabalhos de escavação arqueológica durante a empreitada de reabilitação do centro histórico de Lagos (2.ª fase)³², ocorridos entre abril e novembro de 2017.

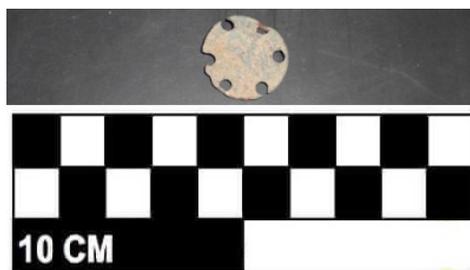


Figura 32 – Numisma reutilizado como botão.

29. Parece-nos que o exemplar n.º 880 do catálogo de moedas do Museu Nacional Machado de Castro pode ter sido alvo de cerceio na legenda da orla, ficando os elementos no centro do exemplar como evidências do seu tipo monetário. Como o catálogo não representa exaustivamente todos os exemplares, talvez devido ao fraco estado de conservação dos exemplares recolhidos em escavações arqueológicas, não podemos verificar se esta situação também acontece noutros exemplares.

30. VALENTE 2016: 110-113.

31. VALENTE 2019: 27-28.

32. Trabalhos da nossa responsabilidade e de alguns colegas arqueólogos, como o doutor Agustín Ortega Esquinca e a Dr.ª Vanda Gato.

Na freguesia de Pias, temos 2 numismas reutilizados como botões:

1. N.º 12 – D. José I (1764), X réis, em cobre. Também poderá ter sido utilizado como medalha para se usar ao peito;
2. N.º 24 – Ficha de jogo utilizada como botão (?). Os destacamentos militares utilizavam botões similares, pelo que deixamos esta proposta em aberto para os colegas que se têm dedicado à história militar. Em Pias tiveram lugar episódios militares célebres, como os ligados ao general Catalão Prim, durante o século XIX. Este general terá deixado a sua marca nalgumas alcunhas ainda hoje utilizadas por habitantes da vila³³.

Pendente?

O número 60 do catálogo aparenta ser de cronologia romana. O furo circular que apresenta poderá significar que poderia ter sido utilizado como pendente em algum momento da sua história. É uma hipótese cujo esclarecimento aguarda a realização de novos estudos.



Figura 33 – Anverso dos numismas estudados (n.ºs 1 a 42 do inventário).



Figura 34 – Reverso dos numismas estudados (n.ºs 1 a 42 do inventário).

33. “Sabemos que o General Prim, fugido das tropas espanholas entregou as armas, cavalos e arreios ao Administrador do Concelho de Barrancos, Manuel Cláudio Pulido, em 21 de Janeiro de 1866. Ainda hoje podemos observar no Museu Arqueológico e Etnográfico de Barrancos, a Espada do General Prim. Verificamos que em Pias o General Prim teria pernoitado uma noite, com o seu séquito e que alguns deles poderiam ter ficado em Pias. Teria nascido aqui e assim a dita alcunha? As pessoas mais idosas ainda de recordam de existirem em Pias dois irmãos de seus nomes Domingos Prim Estrela e Manuel Prim Estrela, possuidores da alcunha que teria perpetuado assim a memória do dito General Prim e/ou seus seguidores liberais e progressistas. Também por Moura, essa passagem de Prim pelo nosso País ainda estava bem viva na memória das pessoas mais idosas. André Lopes Infante Ferreira, 38 anos e a residir em Moura, afirmou-nos que em Moura, quando há uma grande confusão, as pessoas mais idosas, na casa dos 70 anos, costumam ainda hoje dizer: ‘Eh pá! Isto parece a Guerra do Prim!’. A pessoa a quem ele mais escutou dizer tal expressão era uma mulher natural de Brinches, mas a residir actualmente em Moura. Assim, observamos ainda, que na memória popular, a figura deste militar e estadista catalão, ficou impressa nestes testemunhos, expressões e mesmo alcunhas.” (VALENTE *et al.*, no prelo).



Figura 35 – Anverso dos numismas estudados (n.ºs 43 a 90 do inventário).



Figura 36 – Reverso dos numismas estudados (n.ºs 43 a 90 do inventário).



Figura 37 – Anverso dos numismas estudados (n.ºs 91 a 152 do inventário).



Figura 38 – Reverso dos numismas estudados (n.ºs 91 a 152 do inventário).



Figura 39 – Anverso dos numismas estudados (n.ºs 153 a 214 do inventário).



Figura 40 – Reverso dos numismas estudados (n.ºs 153 a 214 do inventário).



Figura 41 – Anverso dos numismas estudados (n.os 215 a 278 do inventário).



Figura 42 – Reverso dos numismas estudados (n.os 215 a 278 do inventário).

Conclusões

Não obstante o facto de desconhecermos o seu contexto arqueológico preciso, sabemos que os numismas de época romana foram, na sua esmagadora maioria, recolhidos dentro dos limites da freguesia de Pias, ainda que alguns exemplares residuais sejam provenientes de Vale de Vargo, segundo informações que obtivemos. Estes numismas ajudam-nos a compreender o fenómeno da circulação monetária, neste território, entre os inícios e os finais do Império,

uma vez que também revelam cerceio típico da sua inserção em contextos de troca comercial.

O cerceio dos exemplares estudados, atribuíveis quer à época romana, quer à época moderna, constitui tema que urge ser estudado, uma vez que, apesar de não constituir prática recorrente em todos os achados, está documentado noutros sítios do país, como é o caso da Horta da Misericórdia, em Faro. Nestes, o cerceio terá ocorrido na orla, cortando desta forma as legendas e deixando visíveis apenas os motivos que se encontravam gravados no campo. Em Pias, o fenómeno parece ser idêntico e merece estudos que permitam compreender melhor esta prática no conjunto do acervo já recolhido.

Por parcial que seja, esta constitui a primeira abordagem à totalidade dos numismas que foram encontrados nesta freguesia. Dependendo da quantidade estudada – os oriundos de sítios ou de contextos seguros fornecem dados mais fiáveis em termos arqueológicos –, poderemos começar a esboçar, com os demais colegas que se dedicam a estas temáticas, quadros locais, regionais ou mesmo nacionais relativos à história da circulação monetária. Com isso, poderemos talvez notar a existência de locais específicos para o desenvolvimento de trocas comerciais envolvendo montantes monetários.

Continuaremos a pugnar pelo estabelecimento de pequenas unidades museológicas, não só na freguesia de Pias, mas também noutros locais do Baixo Alentejo. No tocante a Pias, a nossa proposta poderia ser implementada em

locais como o Monte do Guedelha ou a Hospedaria Bética. No doutoramento que estamos a desenvolver, procuraremos, em colaboração com o *Portable Antiquities Scheme*, criar um PAS português que também contemple as regiões do Baixo Alentejo e do Algarve.

Agradecimentos

Agradecemos à sr.^a Maria Teresa Fonseca Moreira Carvalho Veredas e ao sr. António Pedro Veredas Moreira o facto de nos terem autorizado a estudar e a publicar os materiais da coleção Vítor Hugo, pelo imenso carinho que ele nutria pela sua terra e pelo sonho da existência de uma pequena unidade museológica em Pias, que se vê plasmado na sua esposa e filho. Agradecemos também aos arqueólogos mestre Maria João Ribeiro Marques, dr. Tiago Fonseca Gil e técnica de arqueologia Fernanda Manuela Ferreira Teixeira o trabalho que coordenámos em Pias, através da empresa Amphora Arqueologia.

Fontes

LOPES, F. (1992). *Crónica de D. Fernando*. Porto: Livraria Civilização (4^a ed.).

Bibliografia

ALARCÃO, J. de (1996). *De Ulisses a Viriato O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Instituto Português de Museus.

ARAGÃO, A. C. T. de (1966). *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* (vols. I e II). Porto: Livraria Fernando Machado (2^a ed.).

ARAÚJO, J. (2009). *Portugal e Castela na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri.

ARIMATEIA, Rui (coord.) (2011). *Oralidades ao encontro de Giacometti*. Lisboa: Edições Colibri.

ARNAUD, J. M.; FERNANDA, C.V. (2005). *Construindo a memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

BARBOSA, P. G. (1990). O medievalista e a arqueologia (reflexões sobre o caso português). *Revista ICALP* 19: 109-121.

BLOT, M. L. P. (2005). Problemáticas da arqueologia náutica e portuária no quadro do estudo de portos antigos e medievais em Portugal. *Arqueologia medieval* 9: 207-220.

BORGES, L. F. (1986). *Monografia de Pias (Santa Luzia de Pias). Achegas históricas, arqueológicas e etnográficas*. Ed. de Autor.

BRINDLE, T. (2014): *The Portable Antiquities Scheme and Roman Britain*. Londres: British Museum Research Publications.

CABRAL, L. de A.; PASCOAL, Fr. D. V. (1991): *História da notável vila de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura (3^a ed.)

CARNEIRO, A. (2008). *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de "As grandes vias da Lusitânia – O Itinerário de Antonino Pio" de Mário de Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

- COELHO, A. B. (2004). O tempo e os homens. Séculos XII-XIV. In MEDINA (dir.). *História de Portugal* (vol.III) 353-540.
- CONNERTON, P. (1998). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta. (2.^a ed.).
- COSTA, M. (2007). Du rivage méditerranéen à la façade atlantique. Gens du Sud au Portugal médiéval. *Medievalista* 3 (<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA3/medievalistaatlantique.htm>).
- COSTA, P. F. de (coord.) (2009). *Museus e património imaterial. Agentes, fronteiras, identidades*. Lisboa: Edição Instituto dos Museus e da Conservação.
- FABIÃO, C. (1994). O passado proto-histórico e romano. In MATTOSO, J. (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 79-299.
- FERNANDES, M. A. et al. (2006). A viagem de Ibn Ammâr de São Brás a Silves. *Arkeotavira* (<http://arkeotavira.com/Estudos/>).
- GAMITO, T. J. (2007). *O Algarve e o Magreb (711-1249)*. Faro: Universidade do Algarve.
- _____ (2004). Ukkûnuba and its territory. In *Portugal, Espanha e Marrocos. O Mediterrâneo e o Atlântico*. Faro: Universidade do Algarve, 133-141.
- GOMES, A. (1996). *Moedas portuguesas e do território português antes da fundação da nacionalidade*. Lisboa: Edição de Autor.
- JORGE, V. O. (2003). *Olhar o mundo como arqueólogo*. Quarteto.
- JORGE, V. O.; ITURRA, R. (coords.) (1997). *Recuperar o espanto. O olhar da antropologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- LIMA, J. F. de (2003). *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- _____ (1999). *Monografia arqueológica do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- LOPES, C. (2014). Ataegina. Uma divindade paleohispânica. *Santuários, cultura, arte, romarias, peregrinações, paisagens e pessoas* 1.
- LOPES, M. da C. (2003a). *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Julia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- _____ (2003b). *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Julia. Catálogo de sítios*. Coimbra: Instituto de Arqueologia; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- LOPES, M. C.; CARVALHO, P. C.; GOMES, S. M. (1997). *Arqueologia do concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.
- MACIAS, S. (2005). *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S.; REGO, M. (2005). *Convento de Santa Clara (Moura). Um conjunto cerâmico do século XVII*. Moura: Câmara Municipal de Moura.
- MACIAS, S. (coord.) (1990). Moura na época romana. *Cadernos do Museu Municipal de Moura* 1.
- MARQUES, M. G. (1996). *História da moeda medieval portuguesa*. Sintra: Instituto de Sintra.

- MATTOSE, José (dir.) (1993). *História de Portugal*. s.l. Círculo de Leitores.
- MAUSS, M. (1993). *Manual de etnografia*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- OLIVEIRA, C. (2001). *Lugar e memória. Testemunhos megalíticos e leituras do Passado*. Lisboa: Edições Colibri.
- PEREIRA, I. et al. (2021). *A coleção numismática do Museu Nacional de Machado de Castro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Museu Nacional de Machado de Castro.
- REGO, M. (coord.) (2015-2017). *Cadernos do museu*. Números 1 a 5. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde.
- REI, A. (2005). O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XIII. Yâqût al-Hamâwî e Ibn Sa'îd al-Maghribî. *Medievalista* 1 (<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA1/medievalistaandalus.htm>).
- RIBEIRO, O. (2011). *O Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Letra Livre (8.^a ed.).
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1993). *Iniciação à museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- RODRIGUES, A. S. (coord.) (2000). *História de Portugal em datas*. s.l.: Temas e Debates.
- RODRIGUES, W. (1960). *Panorama geral da arqueologia no concelho de Moura*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (dissertação para obtenção do grau de licenciado).
- SILVA, A. C. (2004) A salvaguarda do património arqueológico em meio rural. *Património. Estudos* 6: 41-49.
- SILVA, A. M. S. P. (2005) O acompanhamento arqueológico de obras. Uma intervenção muito própria. *Revista portuguesa de arqueologia* 8 (1): 459-469.
- SILVA, M. C. da (org.) (1997). Trabalho de Campo. *Ethnologia*. 6/8.
- TEIXEIRA, F. (coord.) (2002). *Catálogo de moedas da monarquia portuguesa (1185 a 1640)*. s.l.: Câmara Municipal do Porto.
- VALENTE, M. (2020a). Petition Online for the Defense of the National Archaeological Patrimony. *Arnava* 10 (2): 248-251.
- _____ (2020b). *Which patrimones for the future generations?* Site da ICCIRA (<https://www.iccira.org/wp/?p=1876>).
- _____ (2019). 600 numismas da Horta da Misericórdia (Faro). Escavações arqueológicas da professora Teresa Júdice Gamito. *Revista M* 2: 6-33.
- _____ (2018). Petição pela Defesa do Património Arqueológico Nacional. *Al-Madan online* 22: 141.
- _____ (2017). Circulação monetária em Pias (Serpa, Beja). Quando Roma era um império. *Scientia Antiquitatis* 1 (2): 131-144 (<http://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/article/view/66>).
- _____ (2016). *Numismas da Horta da Misericórdia (Faro) Catálogo geral*. Faro: Universidade do Algarve; Campo Arqueológico de Mértola.
- _____ (2013). *Circulação monetária na cidade de Faro. O sítio da Horta da Misericórdia (D. Sancho I a D. Afonso V) de 1185 a 1481* (<https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/4993>); dissertação para obtenção do grau de mestr.

_____ (2009). A circulação monetária como um instrumento de propaganda. Dois casos exemplares de Napoleão III e D. Carlos I. *Aldraba* 8: 5-8.

VALENTE, M.; BEIGI, Y. H. (2016). Animal depictions on inedited archaeological artefacts from Pias (Serpa, Beja, Portugal). *Arnavá* 5 (1): 64-78.

VALENTE, M.; MAÇARICO, L.; VEIGA, A.; MARQUES, M. (no prelo). *Povo de Pias. Identidade e património popular*.

VASCONCELOS, J. (2001). Estéticas e políticas do folclore. *Análise social* 36 (158-159): 399-433.

VILLARONGA, L. (1979). *Numismática antigua de Hispania. Iniciación a su estudio*. Barcelona.

WALTON, P. (2019). The roman coins from Gill Mill, Oxfordshire. In BOOTH, P.; SIMMONDS (eds.) *Gill Mill. Later Prehistoric landscape and a Roman nucleated settlement in the lower Windrush Valley at Gill Mill, near Witney*. Oxfordshire.

WALTON, P. (2017). The coins from Thwing. In FERRABY, R.; JOHNSON, P.; MILLET, M.; WALLACE, L. (eds.) *Thwing, Rudston and the Roman-period exploitation of the Yorkshire worlds*. Yorkshire Archaeological Report.

WALTON, P.; MOORHEAD, T. S. N. (2016). Coinage and collapse? The contribution of numismatic data to understand the end of Roman Britain. In GERRARD, J. (ed.) *Roman pottery in the fifth century*. Internet Archaeology Special Publication.

Anexo 1 – Catálogo de numismas (coleção Vítor Hugo e prospeções arqueológicas)

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|------------------------------------|--|---|-------------------------------------|---------|---------------------|------------------|------------------|-----------|--------------|--------------|--|
| NUMISMAS COLEÇÃO VÍTOR HUGO | | | | | | | | | | | |
| 1 | Ilegível. | Ilegível. | Indeterminada | Bronze? | 4ª Dinastia | Indet. | Sécs. XVII / XIX | 5.03 gr. | 24 mm | 24 mm | Furada a meio. Muito possivelmente da 4ª Dinastia. |
| 2 | Perfil da República à esquerda ¹ , com barrete frígio. | REPUBLICA PORTUGUESA 1924 (na orla) 5 CENTAVOS (ao centro) | 5 Centavos | Bronze | República | Indet. | Séc. XX (1924) | 2.91 gr. | 20 mm | 19 mm | Achatada por esmagamento. |
| 3 | Perfil da República à esquerda, com barrete frígio. | REPUBLICA PORTUGUESA 1925 (na orla) 10 CENTAVOS (ao centro) | 10 Centavos | Bronze | República | Indet. | Séc. XX (1925) | 3.95 gr. | 21 mm | 21 mm | |
| 4 | †SEBASTIA(...) ORVM (na orla) Escudo de Portugal, com as cinco quinas ao centro e encimado pela coroa real | (...) S(...) A(...) (na orla), cercadura serrilhada V [Reais] (ao centro) ladeado em cada lado por um motivo estelar de quatro pontas | V Reais | Cobre | D. Sebastião | Indet. | Séc. XVI | 6.84 gr. | 30 mm | 28 mm | |
| 5 | Ilegível. | Ilegível. | XX Réis | Cobre | D. Luís I | Indet. | Séc. XIX | 10.27 gr. | 30 mm | 30 mm | Ligeiramente côncava. |
| 6 | Ilegível. | Ilegível. | XX Réis | Cobre | D. Luís I | Indet. | Séc. XIX | 11.22 gr. | 30 mm | 30 mm | Ligeiramente côncava. |
| 7 | Ilegível. | Ilegível. | V Reais? | Cobre? | D. Sebastião? | Indet. | Séc. XVI? | 5.48 gr. | 31 mm | 30 mm | |
| 8 | MARIA*II*DEI*GRATIA (na orla) Escudo de Portugal, com as cinco quinas ao centro e encimado pela coroa real | PORTUGALIÆ·ET·ALGARBIORUM·REGINA*1846* (na orla) X[Réis] (ao centro) rodeado por coroa de louros | X Réis | Cobre | D. Maria II | Indet. | Séc. XIX (1846) | 12.41 gr. | 32 mm | 32 mm | |
| 9 | PV ao centro (PHILIPVS?) Contramarcada espanhola | RX (ao centro) no interior de pequena cercadura ou cartela | 4 Maravedis Carimbados (resellados) | Cobre | Filipe IV | Indet. (Espanha) | Séc. XVII | 5.68 gr. | 25 mm | 22 mm | Numisma espanhol contramarcado em ambas as faces. |

¹ A orientação (das efígies, figuras antropomórficas e demais elementos pictográficos) é sempre efetuada com relação a quem observa.

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|---|-------------------------------------|-------|----------------------------|------------------|------------------------------|-----------|--------------|--------------|---|
| 10 | Escudo [com leão?] (ao centro) | Escudo com castelo (ao centro), encimado por coroa real. Carimbo com a marca VIII e ponto acima do primeiro I (sobre o centro e exergo) | 4 Maravedis Carimbados (resellados) | Cobre | Filipe III (ou Filipe IV?) | Indet. (Espanha) | Séc. XVII | 4.88 gr. | 24 mm | 22 mm | Numisma espanhol contramarcado em ambas as faces. |
| 11 | Efígie do monarca D. Luís I à esquerda (ao centro). Legenda na orla ilegível. | Ilegível. Data 1883 ao centro. | XX Réis | Cobre | D. Luís I | Indet. | Séc. XIX (1883) | 9.01 gr. | 30 mm | 30 mm | |
| 12 | Ilegível. | Ilegível. Data 1764 ao centro. Dois pequenos furos ao centro. | X Réis | Cobre | D. José I | Indet. | Séc. XVIII (1764) | 10.02 gr. | 33.5 mm | 33 mm | Reutilizada como botão. |
| 13 | Ilegível. | Ilegível. | X Réis | Cobre | D. José I | Indet. | Séc. XVIII | 10.26 gr. | 33.5 mm | 33 mm | |
| 14 | JOANNES·D·G·PORT·P·REGENS·E·D·GUINE Æ Escudo português ao centro sobreposto a esfera armilar. Elementos encimados por Coroa de Príncipe | *1815*·AFRICA·PORTUGU·EZA· (na orla) *MACU*TAS**2* (ao centro) | 2 Macutas | Cobre | D. João Príncipe Regente | Rio de Janeiro | Séc. XIX (1815) | 32.77 gr. | 44 mm | 43.5 mm | Cunhada no Brasil, para circular em Angola. |
| 15 | Ilegível. Escudo português ao centro encimado pela coroa real. | Ilegível. xVx (ao centro) | V Reais | Cobre | D. Sebastião I | Indet. | Séc. XVI (1560 a 1578) | 5.46 gr. | 29 mm | 29 mm | Ligeiramente dobrada. |
| 16 | †I·EM (...) Escudo ao centro. | (...)HVEL·R(...) Castelo ao centro | Ceítal | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.62 gr. | 18 mm | 15 mm | |
| 17 | Ilegível. | Ilegível. | Ceítal | Cobre | D. João II ou D. João III | Indet. | Sécs. XV / XVI | 1.93 gr. | 17.5 mm | 17 mm | A patine presente no numisma não possibilitou uma melhor leitura do exemplar. |
| 18 | (...)N(...) Escudo ao centro. | (...)AL(...) Castelo ao centro. | Ceítal | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.42 gr. | 19.5 mm | 19 mm | |
| 19 | (...)Λ(...) Escudo ao centro. | (...)AHUEL(...) Castelo ao centro. | Ceítal | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.77 gr. | 18.5 mm | 18 mm | Cerceada na orla. Corte perfeitamente visível. |
| 20 | ALFONQ(...) Escudo ao centro. | (...)R(...) Castelo ao centro. | Ceítal | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.80 gr. | 22.5 mm | 21.5 mm | |
| 21 | †IO(...) Escudo ao centro. | Ilegível. Castelo ao centro. | Ceítal | Cobre | D. João II ou D. João III | Indet. | Sécs. XV / XVI | 1.66 gr. | 19 mm | 18 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|--|----------------|---------|---------------------|--------------------------------|--|----------|--------------|--------------|---|
| 22 | (...) 3 -RE(...) Escudo ao centro. | IO(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João III | Indet. | Séc. XVI (1521 a 1557) | 1.66 gr. | 17.5 mm | 15 mm | |
| 23 | لا اله الا الله وحده (ao centro) "Não há outro Deus senão Alá, Único sem sócio." بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة... وتسعين ومئة (na orla) Em nome de Alá, este dirham foi cunhado no al-Andalus no ano de ... (três ou oito) e noventa e cem (193 ou 198 H / 808-9 ou 813-4 d.C.). | الله احد الله الصمد لم يلد و لم يولد ولم يكن له كفوا احد (ao centro) "Alá, o Único, Alá é o Solicitado, não gerou e não foi gerado e não há ninguém igual a ele" <i>sûra</i> 112. محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الدين كله ولو كره المشركون (na orla) Maomé é o enviado de Alá, "foi enviado com a orientação e a religião da verdade para fazê-la prevalecer sobre todas as religiões, ainda que o odeiem os idolatras" (Capítulo 61 / Versículo IX). | Dirhem | Prata | Alhakem I | Al-Andalus (Península Ibérica) | 193 ou 198 da Hégira (808/809 ou 813/814 d.C.) | 2.37 gr. | 27 mm | 27 mm | Encontrada durante demolições de antiga casa em taipa, em Pias. |
| 24 | N.º 21 ao Centro sob Coroa Real Abaixo do N.º 21 Coroa de louros à direita entrecruzada com espiga de trigo à esquerda | FREBLE GILT ***** (Ao centro) * | Ficha de jogo? | Bronze? | Indet. | Indet. | Indet. | 4.48 gr. | 22.5 mm | 22.5 mm | Ficha de jogo ? (21 ou Black Jack?) Reutilizada como botão. |
| 25 | (...) S (...) Escudo ao centro. | (...) RE (...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.44 gr. | 22 mm | 20.5 mm | |
| 26 | Ilegível. Escudo ao centro. | (...) 3 -R(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João III | Indet. | Séc. XVI (1521 a 1557) | 1.50 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |
| 27 | (...) NES (...) Escudo ao centro. | (...) 3 -R(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João III | Indet. | Séc. XVI (1521 a 1557) | 1.86 gr. | 17 mm | 16.5 mm | |
| 28 | (...) R (...) | (...) I (...) | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI | 1.71 gr. | 17.5 mm | 16.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|---|--------------|--------|------------------------------|--------------------|---------------------------------|----------|--------------|--------------|--------------------------------|
| | Escudo ao centro. | Castelo ao centro. | | | | | (1495 a 1521) | | | | |
| 29 | (...)MAHVEL·R·P(...) Escudo ao centro. | (...)HV(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.74 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |
| 30 | (...)ET?(...) Escudo ao centro. | (...)EL·R·P·E(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.58 gr. | 17 mm | 17 mm | Cerceada parcialmente na orla? |
| 31 | (...)AHV(...) Escudo ao centro. | (...)L·R·P(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.34 gr. | 18.5 mm | 17.5 mm | |
| 32 | (...)REX:ALF(...) Escudo ao centro. | (...)S:R(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.78 gr. | 21 mm | 19 mm | |
| 33 | Ilegível Escudo ao centro. | (...)NES:R(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João II | Indet. | Séc. XV (1481 a 1495) | 1.35 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 34 | IO(...) Escudo ao centro. | Ilegível Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João II ou D. João III | Indet. | Sécs. XV / XVI | 2.11 gr. | 16.5 mm | 16 mm | Cerceada na orla |
| 35 | †EMA(...)VEL Escudo ao centro. | (...)PET(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.75 gr. | 19.5 mm | 18 mm | |
| 36 | (...)EL·R(...) Escudo ao centro. | (...)AHVEL(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.31 gr. | 17.5 mm | 16 mm | |
| 37 | IOA(...) Escudo ao centro. | IOA(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João III | Indet. | Séc. XVI (1521 a 1557) | 1.62 gr. | 20.5 mm | 19 mm | |
| 38 | Ilegível. Escudo ao centro. | Ilegível. Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João II ou D. João III | Indet. | Sécs. XV / XVI | 1.21 gr. | 15.5 mm | 14 mm | Cerceada na orla |
| 39 | Ilegível. Escudo ao centro. | Ilegível. Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. João III | Indet. | Séc. XVI (1521 a 1557) | 1.85 gr. | 17 mm | 16.5 mm | |
| 40 | Ilegível. Escudo ao centro. | Ilegível. Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 1.17 gr. | 16.5 mm | 16 mm | Cerceada na orla |
| 41 | (...)P(...) Escudo ao centro. | (EMA)NVEL(...) Castelo ao centro. | Ceitel | Cobre | D. Manuel I | Indet. | Sécs. XV / XVI (1495 a 1521) | 0.97 gr. | 17 mm | 16 mm | |
| 42 | Ilegível | Ilegível Ao centro escudetes (os escudetes laterais virados com a base para o central) | ½ Real Preto | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.03 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 43 | DNMAGNENTIVSPFA VG Busto do Imperador à direita, com panejamento, couraça e cabelo liso / cabeça destapada (Letra A atrás do pescoço) | VICTORIAEDDNNVGET CAE Duas vitórias aladas frente a frente seguram moldura com a inscrição no interior (VOT / V / MVLT / X) A moldura assenta sobre pequena colunata AMB (Casa da Moeda) | Centenional | Bronze | Magnêncio | Amiens | Séc. IV (350 a 353 d.C.) | 4 gr. | 23 mm | 20 mm | |
| 44 | CONSTANT INVSNOBAVG | GLOR IA EXERC ITVS | Follis | Bronze | Constantino I | Constantino pla | Séc. IV (330 a 335 d.C.) | 1.55 gr. | 17 mm | 16 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|---|-------------|---------|---------------------------|---------|--------------------------|----------|--------------|--------------|---------------------------|
| | Busto do Imperador à direita, com diadema, couraça e panejamento | Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro estandarte com <i>Chrismon</i> a encimá-lo. (SCONST – Casa da Moeda) | | | | | | | | | |
| 45 | DNF(...)JLCONS(...) Busto do Imperador à direita com o cabelo liso, couraça e panejamento | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à direita, virado para a esquerda ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. (RS Casa da Moeda) | AE3 | Bronze | Constâncio Galo | Roma | Séc. IV (351 a 354 d.C.) | 2.58 gr. | 17.5 mm | 16 mm | |
| 46 | Ilegível Escudo ao centro | Ilegível Castelo ao centro | Ceutil | Cobre | Indet. | Indet. | Sécs. XV a XVI | 1.21 gr. | 17 mm | 15 mm | |
| 47 | Ilegível Casa da Moeda de Lisboa (L entre o E e o D) | Ilegível Ao centro escudetes (os escudetes laterais virados com o fundo para o central) | Real Preto | Cobre | D. Duarte I | Lisboa | Séc. XV (1433 a 1438) | 1.37 gr. | 20 mm | 17.5 mm | |
| 48 | Ilegível | Ilegível | Ceutil | Cobre | D. João II ou D. João III | Indet. | Sécs. XV / XVI | 0.65 gr. | 17.5 mm | 15 mm | |
| 49 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze? | Indet. | Indet. | Indet. | 6.58 gr. | 17.5 mm | 16.5 mm | Romana ou Hispano-Romana? |
| 50 | Ilegível | Ilegível | Ceutil? | Cobre? | Indet. | Indet. | Indet. | 1.95 gr. | 23 mm | 22 mm | Ligeiramente dobrada |
| 51 | Ilegível Castelo ao centro com ligação entre a torre central e as que a ladeiam. Mar de ondas dispersas. | Ilegível | Ceutil | Cobre | D. Afonso V | Indet. | Séc. XV (1438 a 1481) | 1.46 gr. | 21 mm | 20 mm | |
| 52 | Ilegível | Ilegível | Real Preto? | Cobre? | Indet. | Indet. | Indet. | 0.74 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 53 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à direita, virado para a esquerda ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Letra T acima do | AE3? | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C.? | 3.28 gr. | 17 mm | 16 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|---|---------------------------|--------|----------------------|---------|--------------------------------------|-----------|--------------|--------------|-------------|
| | | cavaleiro. (...)TS Casa da Moeda) | | | | | | | | | |
| 54 | (...)VALEN(...) AVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REPA[RATIO] REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. | AE2? (Centenional) | Bronze | Valente? | Indet. | Séc. IV d.C.? (364 a 378d.C.)? | 4.22 gr. | 23 mm | 22.5 mm | |
| 55 | MAGDECENTI(...) Busto do Imperador com couraça, cabelo liso e panejamento | (VICTDDNNAVGETCAES) Duas Vitórias Aladas de pé, face a face. Ao centro moldura com a legenda VOT / V / (MVL) / (X) (R Casa da Moeda) | AE (Duplo Centenional) | Bronze | Decêncio | Roma | Séc. IV d.C. (351 a 353 d.C.) | 4.84 gr. | 21 mm | 21 mm | |
| 56 | IMPCAESNER(...)IAN OAVGGERDAC Cabeça do Imperador à direita com coroa de louros | SC (Senatus Consultus ao centro) Figura Antropomórfica Feminina de pé à esquerda, segurando cornucópia (?) com o braço esquerdo, cingida à sua cintura | AS? | Bronze | Trajano | Indet. | Sécs. I a II d.C. (98 a 117 d.C.) | 10.62 gr. | 28 mm | 27 mm | |
| 57 | (DIVVS AVGVSTVS PATER) | (AVGVSTA EMERITA) Porta Monumental de Mérida ao centro | AS | Bronze | Otávio César Augusto | Mérida | Séc. I d.C. (14 a 37 d.C.) | 13.94 gr. | 27 mm | 26 mm | |
| 58 | Ilegível | (...)MERITA – (Ao centro sobre as portas de entrada na muralha da cidade) | AS | Bronze | Otávio César Augusto | Mérida | Séc. I d.C. (14 a 37 d.C.) | 16.93 gr. | 32 mm | 30 mm | |
| 59 | (...)AESAR(...) Cabeça do Imperador à esquerda | (...)AVG(...) Porta Monumental de Mérida ao centro | AS | Bronze | Otávio César Augusto | Mérida | Séc. I d.C. (14 a 37 d.C.) | 11.38 gr. | 27 mm | 27 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|---|------------------|---------|----------------------|---------|---|-----------|--------------|--------------|-----------------------------------|
| 60 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze? | Romana? | Indet. | Indet. | 7.45 gr. | 23 mm | 22 mm | Furo de utilização como pendente? |
| 61 | CONSTANTINVS(...)N NOBC Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | [GLOR IA E]XERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. Casa da Moeda R(...) | Denario Radiado? | Bronze | Constantino I | Roma | Séc. IV d.C. (330 a 335 d.C.)? | 1.83 gr. | 17 mm | 15 mm | |
| 62 | DNMA(G) (...) Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REPA[RATIO] REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. | Centenional? | Bronze | Magnêncio? | Indet. | Séc. IV (350 a 353 d.C.)? | 5.54 gr. | 23.5 mm | 21 mm | |
| 63 | PERMISIV(CAESARIS AVGVSTI) Busto de Silenus visto de frente. Por baixo da barba, vinho escorre de uma ânfora | Ilegível (Portão da cidade aberto para um Forum) | AS | Bronze | Otávio César Augusto | Mérida | Sécs. I a.C. a I d.C. (27 a.C. a 14 d.C.) | 12.24 gr. | 26 mm | 26 mm | |
| 64 | HADRIANVS AVGVSTVS | COSIIIPPCLEMENTIAAV G Clementia de pé, à esquerda, togada. Com o braço direito | AS | Bronze | Adriano | Roma | Séc. II d.C. (132 a 134 d.C.) | 13.04 gr. | 27 mm | 26.5 mm | Proveniente do Monte da Torre |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|---|-----------------|--------|-----------------------------|------------|-------------------------------|-----------|--------------|--------------|---|
| | Busto do Imperador à direita, com coroa de louros e panejamento | estendido à esquerda por altura da cintura segura pátera. Com o braço esquerdo flectido segura com a mão ladeando a omoplata estandarte Ao centro SC (Senatvs Consvltvm) | | | | | | | | | |
| 65 | (CONSTAN TINVS ?) Cabeça do Imperador à direita com coroa de louros | Figura antropomórfica caminhando para a direita | AE3? | Bronze | Constantino I ou Constâncio | Indet. | Séc. IV | 2.98 gr. | 19 mm | 18 mm | |
| 66 | (...)ANTONINVS AVG(...) Busto do Imperador à direita, com coroa de louros e panejamento | Figura antropomórfica masculina de pé, segurando com a mão esquerda estandarte (?) SC (Senatvs Consvltvm) | Sestércio | Bronze | Antonino Pio | Indet. | Séc. II d.C. (138 a 161 d.C.) | 25.79 gr. | 32 mm | 30 mm | |
| 67 | (...)NINVS(...) Busto do Imperador à direita, com coroa de louros e panejamento | Figura antropomórfica sentada | Sestércio? | Bronze | Antonino Pio | Indet. | Séc. II d.C. (138 a 161 d.C.) | 17.04 gr. | 31 mm | 30 mm | |
| 68 | Ilegível Busto do Imperador à esquerda | Figura antropomórfica (feminina?) de pé, à esquerda. Braço esquerdo ao longo do corpo, para baixo. Braço direito erguido à altura da sua cabeça. SC (Senatvs Consvltvm) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 6.82 gr. | 27 mm | 26 mm | |
| 69 | CORN(SUPERA) AVG ? Busto Feminino à direita (com panejamento?) | Ilegível (Asclépio sentado?) | As | Bronze | Cornélia? | Parium ? | Séc. III d.C. (253 d.C.)? | 18.11 gr. | 27 mm | 27 mm | Cidade portuária de Parium, na Mísia, Helesponto. (atual Turquia) |
| 70 | FLVALCONSTANTIV SNOBCAES Busto do Imperador à direita, com couraça, panejamento e coroa radiada | CONCORDIA MILI TVM Duas figuras antropomórficas masculinas apertam as mãos ao centro (Letra A abaixo das mãos apertadas das duas figuras antropomórficas). Sobre essas mesmas mãos, Vitória Alada coloca coroa de louros sobre a cabeça da figura à esquerda do | Fracção Radiada | Bronze | Constâncio I | Alexandria | Séc. III d.C. (296-297 d.C.) | 2.64 gr. | 20 mm | 19.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|--|------------------|--------|----------------------------------|----------------|--------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------------------------|
| | | observador. Casa da Moeda ALE | | | | | | | | | |
| 71 | CONSTAN TINOPOLIS Busto de Constantinopolis, à esquerda, com elmo (coroa de louros sobre o elmo) e couraça | Ilegível Vitória Alada de pé sobre proa de navio. Navio a remos e com espigão na proa (navio militar). Segura com a mão direita pela cintura lança, com a ponta virada para baixo, em direção ao seu pé esquerdo. Cabeça virada à esquerda. Mão esquerda pousada sobre escudo de pé, em posição vertical, à direita do observador. (Casa da Moeda – CONSTantinopla) | Constantinopolis | Bronze | Comemorativa de Constantinopolis | Constantinopla | Séc. IV d.C. (330 a 333 d.C.) | 2.29 gr. | 18 mm | 17.5 mm | |
| 72 | (...) NOB CAES Busto do Imperador à direita, com coroa de louros | VOT / V (Ao centro, circundada por coroa de louros) | Follis | Bronze | Crispo? | Indet. | Séc. IV d.C. (317 a 326 d.C.)? | 2.68 gr. | 19 mm | 17.5 mm | |
| 73 | FL IVL CRIS PVSNOBCAES Busto do Imperador à direita, com coroa de louros, couraça e panejamento | (VICTORI)AELAETAEPRI NCPERP Duas Vitórias Aladas frente a frente Seguram ao centro de exemplar moldura com inscrição (VOT/PR). Em altar abaixo da moldura, nova moldura com estrela dentro de coroa de louros (Casa da Moeda – PLN) | Follis | Bronze | Crispo | Londres | Séc. IV d.C. (317 a 326 d.C.) | 3.57 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |
| 74 | IMP LICIN-IVS PF AVG Busto do Imperador à direita, com coroa de louros e couraça | VICTORIAELAETAEPRI NCPERP Duas Vitórias Aladas frente a frente Seguram ao centro de exemplar moldura com inscrição (VOT/PR). Em coluna abaixo da moldura, letra C Casa da Moeda – S T | Follis | Bronze | Licínio | Ticinum | Séc. IV d. C. (308 a 323 d.C.) | 2.87 gr. | 18 mm | 18 mm | Ticinum (atual Pavia, Itália) |
| 75 | FLVALCONSTANTIV SNOBCAES | CONCORDIAMIL ITVM Duas figuras antropomórficas masculinas apertam as mãos ao centro (Letra A abaixo das | Fracção Radiada | Bronze | Constâncio I | Alexandria | Séc. III d.C. (296-297 d.C.) | 3.40 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|---|----------------------|--------|---------------------|--------------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | Busto do Imperador à direita, com panejamento e coroa radiada | mãos apertadas das duas figuras antropomórficas). Sobre essas mesmas mãos, Vitória Alada coloca coroa de louros sobre a cabeça da figura à esquerda do observador. Casa da Moeda ALE | | | | | | | | | |
| 76 | CONSTAN TINVSAVG Cabeça do Imperador à direita, com tiara / coroa de louros | PROVIDEN TIAEAVGG Porta amuralhada, com sete linhas de muralha, duas torres e encimada por símbolo estelar (Casa da Moeda – RQP ou R) | AE3 | Bronze | Constantino I | Roma | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 2.84 gr. | 19 mm | 18 mm | |
| 77 | (...)MA(...) Busto do Imperador à esquerda (aparenta ter sido batida duas vezes) | (...)LVRIVSA(G ou C)R(...) Legenda no orla e letras SC (Senatvs Consvltvm) de grandes dimensões, ao centro | Indet. Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 7.85 gr. | 27 mm | 25 mm | |
| 78 | DNCONSTANTIVSPF(AVG) Busto do Imperador à direita, com diadema perolado, couraça e panejamento. Letra A à esquerda do observador e à direita do pescoço do Imperador. | FELTEMPR EPARATIO Legionário de pé à direita, virado para a esquerda ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Casa da Moeda PARL Letra A Acima do cavaleiro que se encontra caído no chão | AE | Bronze | Constâncio II | Arles | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 5.53 gr. | 25 mm | 21.5 mm | |
| 79 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema de pérolas, couraça e panejamento | FELTEMP(REPARATIO) Legionário de pé à direita, virado para a esquerda ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Letra (M) abaixo do braço direito do legionário Casa da Moeda SMT(...) | AE3 | Bronze | Constâncio II | Thessalonica | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.63 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 80 | DNGRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador à direita com diadema perlado, couraça e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador Graciano de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão | AE2 | Bronze | Graciano | Antioquia | Séc. IV d.C. (378 a 383 d.C.) | 4.73 gr. | 23.5 mm | 22 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|--|-------------|--------|---------------------|---------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|--|
| | | direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. (Casa da Moeda ANTA) | | | | | | | | | |
| 81 | IMPCMAXENTIVS(PF AVG) Cabeça do Imperador à direita, com coroa de louros | CONSErv VRBSVAE Templo de estilo hexagonal, com três colunas de cada lado de figura de Roma que se encontra sentada. Com o braço direito estendido à esquerda por altura da cintura, segurando globo na palma da mão aberta. Braço esquerdo flectido à direita, por altura da omoplata segura cetro (Casa da Moeda RBT) | Follis | Bronze | Maxêncio | Roma | Séc. IV d.C. (308 a 310 d.C.) | 4.91 gr. | 25 mm | 22 mm | |
| 82 | (IMPCP)LICGALLIEN VSPFAVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | RESTITVTORIE NTIS Valeriano de pé, virado à direita segurando coroa de louros que se prepara para colocar na cabeça de Gallieno, este último de pé, à esquerda, com panejamento sobre o cotovelo esquerdo e toga pelos joelhos. Segura com o braço esquerdo lança (ou estandarte) em posição vertical. Ambos oferecem sacrifício em altar situado entre ambos, ao centro. | Antoniniano | Bronze | Galieno | Roma | Séc. III d.C. (257-258 d.C.) | 3.44 gr. | 22 mm | 21 mm | Reinado conjunto entre Galieno e Valeriano |
| 83 | DNGRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura | AE2 | Bronze | Graciano | Roma | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 6.72 gr. | 24.5 mm | 24 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|--|-----------|--------|---------------------|-----------|--|----------|--------------|--------------|-------------|
| | | imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. (Casa da Moeda SMRT) | | | | | | | | | |
| 84 | DNGRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. (Casa da Moeda SMRT) | AE2 | Bronze | Graciano | Roma | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 4.83 gr. | 24 mm | 23 mm | |
| 85 | DNHONO(RIVS)PFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perlado, couraça e panejamento | GLORIA ROMANORVM Imperador de pé, pernas viradas em frente, acima da cintura corpo virado à direita. Face virada à direita. Braço esquerdo estendido à altura da cintura para a direita com globo agarrado sobre a palma da mão. Braço direito segura à esquerda, por altura do pescoço, estandarte em posição vertical Casa da Moeda (AN)TA | AE2 | Bronze | Honório | Antioquia | Sécs. IV / V d.C. (393 a 423 d.C.) | 4.12 gr. | 22 mm | 20 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|--|---|-----------|--------|----------------------|--------------|----------------------------------|-----------|--------------|--------------|--|
| 86 | IMPCONSTANTINVS MAXAVG Busto do Imperador à direita, com elmo sobre o qual assenta coroa de louros e couraça (símbolos de comando e vitória militar) | VICTORIAELAETAEPRI NCPERP Duas Vitórias Aladas frente a frente seguram ao centro de exemplar moldura com inscrição (VOT/PR). Em coluna abaixo da moldura, letra P? (Casa da Moeda TT) | AE3 | Bronze | Constantino I | Ticinum | Séc. IV d.C. (319 d.C.) | 3.10 gr. | 17 mm | 16.5 mm | Ticinum (atual Pavia, Itália) |
| 87 | DNARCADI VSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perlado e panejamento | GLORIA ROMANORVM Imperador de pé, pernas viradas à esquerda, acima de cintura corpo de frente. Face virada à direita. Braço esquerdo estendido à altura da cintura para a direita com globo agarrado sobre a palma da mão. Braço direito segura à esquerda, por altura do pescoço, estandarte em posição vertical (Casa da Moeda ANTB) | AE2 | Bronze | Arcádio | Antioquia | Séc. IV d.C. (392 a 395 d.C.) | 5.59 gr. | 22 mm | 20 mm | |
| 88 | CONSTANTINVS PFAVG Busto do Imperador à direita, laureado e com couraça | COM(ITIA) V (VG)G Sol antropomórfico (cabeça radiada) de pé à esquerda, com <i>chlamys</i> caindo pelo ombro esquerdo. Segurando globo na palma da mão direita que se encontra estendida em frente. Com a esquerda segura chicote junto ao ombro. Estrela à direita. (Casa da Moeda PLN) | AE3 | Bronze | Constantino I | Londres | Séc. IV d.C. (310 a 312 d.C.) | 4.09 gr. | 22 mm | 21 mm | <i>Chlamys</i> – pequeno manto usado pelos homens na Grécia antiga. |
| 89 | IMPCAESARDIVIFAV GVSTVSCOSXII Busto do Imperador laureado à direita | CNDOMITICPOMPEIOIIVI RCVICEL Touro (bem evidente pelo órgão sexual destacado), corpo de perfil à direita. Face de frente, com os chifres destacados. Cauda excepcionalmente longa, como que definindo a inscrição que a ladeia. | As | Bronze | Otávio César Augusto | Lépida Celsa | Séc. I a.C. (3 a 5 a.C.) | 10.12 gr. | 29 mm | 28.5 mm | As de Lépida Celsa (atual Velilla de Ebro, Espanha). Celsa, ou Colonia Celsa, foi o nome de uma cidade de cidadãos romanos (a primeira no Vale do Ebro a ser |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|---|-----------|--------|---------------------|---------|-------------------------------|-----------|--------------|--------------|---|
| | | | | | | | | | | | fundada por cidadãos livres romanos), fundada por Marco Emílio Lépido em 44 a.C. Latinização provável da povoação indígena de Kelse (já de si importante, pois foi a única daquela região a emitir moedas em prata). Foi abandonada pouco depois do ano de 70 d.C. muito possivelmente devido ao auge de Caesar Augusta (atual Saragoça). |
| 90 | (TICLAV)DIVSCAESA RAVGPM(TRPIMP) Cabeça do Imperador descoberta à esquerda, pescoço longo | (LIBER)TAS AVGVST(A) SC (Senatvs Consvltvm) Ao Centro Libertas de pé e de frente, estendendo a mão direita para a esquerda do observador. Mão esquerda estendida à direita por altura da cintura, com a palma da mão aberta para cima | As | Bronze | Claúdio I | Indet. | Séc. I d.C. (41 a 54 d.C.) | 11.32 gr. | 27 mm | 26.5 mm | |
| 91 | DN(...)VSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (GLORIA ROMAN)ORVM Imperador de pé, dorso virado à direita, segura com a mão esquerda ao nível da cintura globo terrestre. Com a mão direita segura ao alto estandarte. (Casa da Moeda - (...))N(...) | AE2? | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 4.78 gr. | 21 mm | 20.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|----|---|---|-----------------------------|--------|---------------------|------------|--------------------------------------|----------|--------------|--------------|--|
| 92 | IMPCMAMAXIMIANVS(PFAVG) Busto do Imperador à direita, com coroa radiada, couraça e panejamento | CONCORDIAMIL ITVM Imperador de pé, à direita, com vestimenta militar, pequeno cetro na mão esquerda. Recebe Vitória Alada sobre globo das mãos de Júpiter que se encontra de pé, à esquerda, segurando cetro com a mão esquerda. Casa da moeda – (AL)S | Fracção Radiada Pós-Reforma | Bronze | Maximiano Hercules | Alexandria | Séc. III d.C. (296-297 d.C.) | 3.22 gr. | 21 mm | 19 mm | |
| 93 | GALIENVSAVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | Ilegível Figura antropomórfica de pé ? | Indet. | Bronze | Galiano | Indet. | Séc. III d.C. (253 a 268 d.C.) | 2.72 gr. | 19 mm | 18 mm | |
| 94 | MAXIMIANVSNOCBAES Busto do Imperador à direita, com tiara | CAE?(...)OMANI Figura antropomórfica masculina de pé, perfil à esquerda. Segura com a mão direita estendida para o chão pátera. Com a mão esquerda cinge à cintura cornucópia da abundância. Casa da moeda – T símbolo estelar | Indet. | Bronze | Maximiano Hércules | Indet. | Sécs. III / IV d.C. (285 a 310 d.C.) | 9.12 gr. | 28 mm | 27 mm | Aparenta ter sido um bronze banhado a prata |
| 95 | IMPCARVCPPAVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | (...)ELC(...) ? Figura antropomórfica de pé, perfil à esquerda | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 3.87 gr. | 25 mm | 22 mm | A leitura da legenda não faz sentido. |
| 96 | GALL(...)NV(...) Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | Ilegível Cavaleiro (?) | Indet. | Bronze | Galiano | Indet. | Séc. III d.C. (253 a 268 d.C.) | 2.90 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |
| 97 | DN(MAG)MAXIMVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perlado, couraça e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu | AE2 | Bronze | Magnus Máximo | Arles | Séc. IV d.C. (383 a 388 d.C.) | 3.69 gr. | 24 mm | 23 mm | Arles (França) Usurpador e Imperador das atuais Bretanha, Espanha, Gália e África. |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-------------|-------------------------------------|---------------------|----------------|-----------------------------------|----------|--------------|--------------|-----------------------------------|
| | | vencedor. As torres que coroadam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. Casa da Moeda – PCON | | | | | | | | | |
| 98 | CONSTANTINVSIVN NOBC Busto do Imperador à direita, com coroa de louros, couraça e panejamento | CAESARVM(N)O(STRORVM) Ao centro no interior de coroa de louros – VOT./V Casa da Moeda – AQT | AE3 | Bronze | Constantino II | Aquileia | Séc. IV d. C. (320 a 321 d.C.) | 2.61 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 99 | GALLIENVSAVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | FORTVNA(...)VX Figura antropomórfica feminina de pé à esquerda. Aparenta segurar cornucópia com a mão esquerda pela cintura à direita do observador. Com a mão direita estendida para baixo aparenta segurar lança (Letra S a ladear a figura antropomórfica à direita) | Antoniniano | Bronze com banho de prata ou Bolhão | Galiano | Roma ou Siscia | Séc. III d.C. (253 a 268 d.C.) | 2.05 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 100 | (I)MPC(...)PAX(...)NV S(...)Busto do Imperador à direita, com tiara ou coroa de louros | C(...)COR(...) Figura antropomórfica ? de pé virada à esquerda | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 3.51 gr. | 27.5 mm | 17 mm | Cerceada na zona da orla inferior |
| 101 | CONSTAN(TI)NVSMA XNOBC Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORIAEXERCITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. Casa da Moeda - .HSIS. | Indet. | Bronze | Constantino I | Siscia | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 2.58 gr. | 17.5 mm | 17.5 mm | |
| 102 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à direita, | AE3 | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.17 gr. | 18 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-------------------|--------|-----------------------|------------------|---|----------|--------------|--------------|---|
| | Imperador à direita, com tiara e panejamento | ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. | | | | | | | | | |
| 103 | (...)ANTINVS AVG Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | (...)OMSTI Figura antropomórfica de pé (aparentemente masculina) virada à esquerda. Com a mão direita apoiada sobre escudo de pé à direita do observador. (Casa da Moeda – P) | Indet. | Bronze | Constantino I | Indet. | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 1.52 gr. | 16 mm | 13 mm | Aparentemente cerceada na orla (também poderá estar apenas fragmentada) |
| 104 | DNH(...)? Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REP(ARATIO REI)PVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. (Casa da Moeda – R ou B CON) | Maiorina ? | Bronze | Honório? | Constantino pla? | Sécs. IV / V d.C.? (393 a 423 d.C.)? | 3.59 gr. | 22.5 mm | 20 mm | |
| 105 | DIVOCLAVDIO(...) Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | (...)VICTOR(...) Figura antropomórfica masculina de pé, com elmo. Segura com a mão esquerda estandarte ou lança em posição vertical, à direita do observador. Cabeça de perfil à esquerda. | Denário | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 3.64 gr. | 20 mm | 19 mm | Póstuma? |
| 106 | (...)DECENTI VSNBCAES Busto do Imperador à direita, cabelo liso, com panejamento (Letra F atrás da cabeça, à esquerda) | (VICTORIAE)D(OMINAE) TCAE)? Duas Vitórias aladas frente a frente Ao centro VOT/(V)/MVLTX | Duplo Centenional | Bronze | Decêncio | Indet. | Séc. IV d.C. (351 a 353 d.C.) | 5.03 gr. | 21 mm | 19 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|---------------|--------|-----------------------|----------|---|----------|--------------|--------------|---|
| 107 | (...)C(...)AVG Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento (Letra A atrás da cabeça à esquerda)? | VICTOR(...) Duas Vitórias Aladas frente a frente. Ao centro legenda VOT./XV(...) (Casa da Moeda K?BS) | ½ Centenional | Bronze | Constâncio II ? | Indet. | Séc. IV d.C. ? (324 a 361 d.C.) ? | 2.93 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 108 | DNCONSTAN TIVSAVG Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | GLOR IAEX ERCI TVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. (Casa da Moeda T?NNA) | ½ Centenional | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.72 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |
| 109 | GALLIE(...) Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | FORTV(NA?) Figura antropomórfica de pé (aparentemente feminina), parece cingir à cintura, do lado direito do observador, cornucópia da abundância. | Antoniniano | Bronze | Galieno | Indet. | Séc. III d.C. (253 a 268 d.C.) | 2.30 gr. | 19.5 mm | 18 mm | |
| 110 | FLIVLCONSTANTIVS NOBC Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | GLOR IAEXERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. (Casa da Moeda – Crescente com ponto a encimá-lo PL G) | Follis | Bronze | Constâncio II | Lugdunum | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.99 gr. | 17.5 mm | 17 mm | Lugdunum é o nome galo-romano de origem celta da atual cidade de Lyon, oficialmente fundada em 43 a.C., capital das Gálias desde 27 a.C., sob o impulso de Marco Vipsânio Agripa, general e genro de Augusto. |
| 111 | (C)LAV(DIO D)IVO | Ilegível | Quinário | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 1.77 gr. | 18 mm | 16 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-----------|--------|---------------------|---------|------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | | | | | | | | | | |
| 112 | CONST(...) Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (CL)OR (IAEX)ERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C. | 1.56 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 113 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara (?) e panejamento | FELTEM(P REPA)RATIO Legionário de pé à direita, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. (Casa da Moeda – B ou P (...)) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C. | 1.86 gr. | 17 mm | 15.5 mm | |
| 114 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | VICT(...) Vitória alada caminha em direção à esquerda com ambos os braços erguidos acima da frente, segurando coroa de louros. A seus pés, à esquerda, inimigo sentado, cabisbaixo, joelho esquerdo flectido, e encostado a esta figura. | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C. | 2.61 gr. | 21 mm | 17.5 mm | |
| 115 | CONSTAN TINVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (GLORIA EXERCITVS) Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. Casa da moeda – (...)Q(...) | Follis? | Bronze | Constantino I ? | Roma? | Séc. IV d.C. (307 a 337)? | 2.59 gr. | 17 mm | 16.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|---|---------------|--------|---------------------|--------------------|--------------------------------|----------|--------------|--------------|---|
| 116 | DNVALEN SPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema, couraça e panejamento | SECVRITAS (REIPV)BLICAE Vitória Alada de pé à esquerda. Com a mão direita estendida à altura da cintura segura grinalda (coroa de louros). Na mão esquerda segura folha de palmeira. Casa da Moeda – (S)MRP | AE3 | Bronze | Valente | Roma | Séc. IV d.C. (375 a 378 d.C.) | 1.93 gr. | 18 mm | 17.5 mm | Quer a grinalda (coroa de louros) como a folha de palmeira são atributos reservados aos vencedores (quer numa batalha como em Desporto – tradição dos Jogos Olímpicos da Antiga Grécia. |
| 117 | IMPIVLC(...)SPFAVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | (...)ICTOR Figura antropomórfica (aparentemente masculina) caminhando em direção à direita do observador. Segura lança com a mão esquerda, esta mão estendida para trás do corpo, lança apontada à uma hora | ½ Centenional | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.61 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 118 | (...)XIMVS AVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | (...)OLI?(...) Figura antropomórfica caminhando em direção à esquerda, levanta mão direita em jeito de saudação, à esquerda do observador. Letra T ou H ou A à esquerda da figura antropomórfica (Ver foto) | Indet. | Bronze | Máximo? | Indet. (Oriental)? | Séc. V d.C. ? | 2.95 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 119 | DN CONSTANTIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perlado, couraça e panejamento | FELTEMP(REPARAT)IO Legionário de pé à direita, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. (Casa da Moeda – SM(KA). | AE3/4 | Bronze | Constâncio II | Cyzicus | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.51 gr. | 18.5 mm | 16.5 mm | |
| 120 | FLCONSTANSNOBCAES Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORI AEXERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela | AE3 | Bronze | Constante I | Constantino pla? | Séc. IV d.C. (333 a 335 d.C.)? | 2.11 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|-----------|--------|---------------------|----------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|------------------------|
| | | ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. Casa da Moeda – (CO) NS? | | | | | | | | | |
| 121 | (...)VSPFAVG Busto do Imperador à direita, cabelo liso, com panejamento | Ilegível Duas Vitórias Aladas frente a frente Crescente / VOT / N(L ou V?)T? / X (Casa da Moeda – (...) O) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C. | 2.97 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 122 | DN(...)AVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. (Letra S à esquerda da figura antropomórfica que se encontra de pé) | Indet. | Bronze | Honório? | Indet. | Séc. IV d.C. | 4.34 gr. | 25.5 mm | 22.5 mm | |
| 123 | CONSTAN TINVSAVG Cabeça do Imperador à direita, laureado | DNCONSTANTI(NI)MAXA VG Ao centro coroa de louros com pequena legenda ladeada por duas palmas de pé VOT / . / XX (Casa da Moeda AQP) | AE3 | Bronze | Constantino I | Aquileia | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 2.41 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |
| 124 | CONSTAN TINOPOLIS Busto de Constantinopla (figurada femininamente) à | Ilegível Vitória Alada de pé sobre proa de navio. Segura com a mão direita lança, com a | Follis | Bronze | Constantinopolis | Arles | Séc. IV d.C. (330 a 331 d.C.) | 1.42 gr. | 17 mm | 15 mm | Comemorativa da Cidade |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-----------|--------|---------------------|---------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|---|
| | esquerda.Com elmo e manto. Segurando cetro sobre o ombro. | ponta virada para baixo, em direção ao seu pé esquerdo. Cabeça virada à direita. Mão esquerda pousada sobre escudo de pé, em posição vertical, à direita do observador. (Casa da Moeda – SCONST) | | | | | | | | | |
| 125 | (...)AV(G) Busto do Imperador à direita com coroa radiada e panejamento | P(...)C Figura antropomórfica de pé. Braço direito erguido à esquerda do observador. Braço esquerdo estendido para baixo, junto ao corpo. Espada (?) às costas ? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. III / IV d.C. | 1.74 gr. | 17.5 mm | 14.5 mm | |
| 126 | (CON)STAN TINOPOLIS Cabeça de Constantinopla (figurada femininamente) à esquerda. Com elmo e manto. Segurando cetro sobre o ombro. | Ilegível Vitória Alada de pé sobre proa de navio. Segura com a mão direita lança, com a ponta virada para baixo, em direção ao seu pé esquerdo. Cabeça virada à direita. Mão esquerda pousada sobre escudo de pé, em posição vertical, à direita do observador. | Follis | Bronze | Constantinopolis | Indet. | Séc. IV d.C. (306 a 350 d.C.) | 1.15 gr. | 14 mm | 13.5 mm | |
| 127 | (...)PFAVG Busto do Imperador à direita com coroa radiada e panejamento | (...)C Figura antropomórfica de pé (aparentemente feminina). Segura com a mão direita estendida à esquerda pela altura da cintura, pátera. Com a mão esquerda cinge à direita, por altura da omoplata esquerda lança ou estandarte em posição vertical. | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. III / IV d.C. | 1.98 gr. | 19 mm | 16 mm | Dobrada ligeiramente à esquerda do observador (tentativa de cerceio?) |
| 128 | (...)NVSPFAVG Busto do Imperador à direita com coroa radiada e panejamento | Ilegível Figura antropomórfica (Sol Invictus ?) caminha em direção à esquerda, cabeça virada à direita, braço direito estendido em frente para a | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV d.C. | 1.92 gr. | 23 mm | 19 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|---|-----------|--------|---------------------|---------|--------------------------------------|----------|--------------|--------------|---|
| | | esquerda, braço esquerdo estendido para baixo, em direção à direita | | | | | | | | | |
| 129 | IMPCONSTANTINVS PFAVG Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | SOLI INVICTO COMITI Figura antropomórfica (figuração do Sol Invencível) de pé, à esquerda. Braço direito erguido por altura da frente, à esquerda. Braço esquerdo segura pátera por altura da cintura, à direita. Inimigo ou adorador prostado de joelhos, virado à direita, à esquerda da figuração solar antropomorfizante (Casa da Moeda – P? C?) | Indet. | Bronze | Constantino I | Indet. | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 3.24 gr. | 19.5 mm | 18 mm | |
| 130 | (...)NORIVS(...) Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | (GLORIA ROMANORVM?) Imperador de pé, corpo de frente, mas ligeiramente torcionado para a direita (parte superior do tronco), face à direita. Segura com a mão esquerda, estendida ao nível da sua cintura, globo, que representa o Mundo (Símbolo do Poder Terreno). Com o braço direito, cinge à cintura, estandarte | Indet. | Bronze | Honório | Indet. | Sécs. IV / V d.C. (393 a 423) | 4 gr. | 21 mm | 20 mm | No reverso, a figura imperial aparenta ter sido batida duas vezes |
| 131 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita com diadema e panejamento | FELTE(MPREPARA) TIO Legionário de pé à direita, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Marca D ao centro entre o legionário e o cavaleiro Casa da Moeda – SCON | AE3 | Bronze | Constâncio II | Arles | Séc. IV d.C. (353 a 355 d.C.) | 2.48 gr. | 19 mm | 18 mm | |
| 132 | MAXIMIANVS NOBC Busto do Imperador à direita com coroa radiada e panejamento | Coroa de louros na orla, ao centro inscrição: VOT/(...)X | Indet. | Bronze | Maximiano Hercules | Indet. | Sécs. III / IV d.C. (285 a 310 d.C.) | 3.02 gr. | 20 mm | 19 mm | |
| 133 | IMP(...)AVG Busto do Imperador à direita com coroa radiada e panejamento | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. III / IV d.C. | 2.84 gr. | 20 mm | 19 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|------------------------------|--------|---------------------|--------------------------|-----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------------------------|
| 134 | (DNCONSTAN)TIVSP FAVG Busto do Imperador à direita com diadema perlado, couraça e panejamento | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Marca A (Alfa) ao centro entre o legionário e o cavaleiro. Escudo caído sob a pata do cavalo. (Casa da Moeda – SMTS) | AE3 | Bronze | Constâncio II | Tessalónica | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.37 gr. | 16 mm | 16 mm | |
| 135 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. I / II d.C. ? | 8.53 gr. | 27 mm | 24.5 mm | |
| 136 | (FL)IVLCONSTANTIV SPFAVG Busto do Imperador, laureado à direita com couraça e panejamento | (GLORIA EXERC)ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro dois estandartes. Casa da Moeda – CONSS | AE3 | Bronze | Constâncio II | Constantino pla | Séc. IV d.C. (330 a 335 d.C.) | 2.11 gr. | 18.5 mm | 17.5 mm | |
| 137 | VRBS ROMA Busto feminino à esquerda, com elmo, couraça e panejamento | Loba Capitolina de pé, à esquerda, amamenta os gémeos Rómulo e Remo. Duas estrelas acima da Loba, representando cada um dos gémeos. Casa da Moeda – (C)ONS | Cunhagem Comemorativa Follis | Bronze | VRBS ROMA | Constantino pla ou Arles | Séc. IV d.C. (330 a 335 d.C.) | 1.33 gr. | 15 mm | 14.5 mm | |
| 138 | IMPCMCLTACITOSA VG Busto do Imperador à direita com barba, coroa radiada e panejamento | PAXA VGVSTI Pax de pé à esquerda. Braço direito levantado à esquerda, acima da cabeça e segurando ramo. Braço esquerdo à altura da cintura, segurando cetro de grandes dimensões. (Casa da Moeda – P, abaixo da dita figura) | Antoniniano | Bronze | Tácito | Ticinum | Séc. III d.C. (275 a 276 d.C.) | 3.89 gr. | 22.5 mm | 22 mm | Ticinum (atual Pavia, Itália) |
| 139 | DNCONSTANTIVS(PF) AVG) Busto do Imperador à direita laureado com | (VI)C(TDD)NNAVGETCAE S Duas Vitórias Aladas Frente a Frente segurando coroa de louros ao centro | Follis | Bronze | Constâncio II | Roma | Séc. IV d.C. (352 a 354 d.C.) | 4.43 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-----------|--------|---------------------|-----------|-----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | diadema tipo roseta. Couraça e panejamento. | com a inscrição VOT / XXX – Chrismon a encimar esta legenda central. (Casa da Moeda R Elemento estelar T) | | | | | | | | | |
| 140 | (CONSTANTIVS)PFAVG Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | (FEL)TEMP(REPARATIO) Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. | AE3 | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.65 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 141 | Busto do Imperador ? | Duas Vitórias Aladas Frente a Frente ? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.19 gr. | 19 mm | 16.5 mm | |
| 142 | Ilegível Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | Ilegível Duas Vitórias Aladas Frente a Frente ? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV / V d.C. ? | 2 gr. | 14.5 mm | 14 mm | |
| 143 | IMPCONSTANTINVS(AVG) Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | Ilegível. Duas Vitórias Aladas Frente a Frente Ao centro /VOT/(X)X Casa da Moeda – (T ou Alfa) SIS | Follis | Bronze | Constantino I | Siscia | Séc. IV d. C. (318 a 320 d.C.) | 3.25 gr. | 18.5 mm | 17.5 mm | |
| 144 | (DN)CONSTANTIVSP FAVG Busto do Imperador à direita com diadema perlado, couraça e panejamento | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Marca M ao centro entre o legionário e o cavaleiro Casa da Moeda – (...)R(...) | Indet. | Bronze | Constâncio II | Roma | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.20 gr. | 18 mm | 16 mm | |
| 145 | CONSTANTINVS AVG Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | GLOR IAEXERCITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. (Casa da Moeda – SMAN D ou I) | Indet. | Bronze | Constantino I | Antioquia | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 1.44 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 146 | CRISPVS NOB CAES Busto do Imperador laureado à direita | CA(ESA)RVMNOSTRORVM | Follis | Bronze | Crispo | Indet. | Séc. IV d.C. (317 a 326 d.C.) | 2.76 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-----------|--------|---------------------|----------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | | Ao centro, no interior de coroa de louros VOT/.V Casa da Moeda – Crescente Lunar (...) | | | | | | | | | |
| 147 | DN(GR)ATIA(NVSPFA)V(G) Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | REPARATIO (REIPVB) Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. | AE2 | Bronze | Graciano | Indet. | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 4.85 gr. | 23.5 mm | 22 mm | |
| 148 | DN GRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador com diadema perlado à direita, com couraça e panejamento | REPARATIO REIP(VB) Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. Casa da moeda SM(AQ) | AE2 | Bronze | Graciano | Aquileia | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 3.68 gr. | 22 mm | 20 mm | |
| 149 | CONSTANS PFAVG Busto do Imperador à direita com diadema e panejamento | VICTOR IAVGG Vitória alada caminha em direção à esquerda mas com o torso e a cabeça virados à | AE3 | Bronze | Constante I | Siscia | Séc. IV d.C. (333 a 350 d.C.) | 1.43 gr. | 18 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|-------------|--------|--------------------------|--------------------------|---|----------|--------------|--------------|-------------|
| | | direita. Em cada uma das mãos segura coroa de louros, a da direita esticada à direita e a da esquerda esticada em direção à esquerda. Crismon no campo à direita da figura alada Casa da Moeda *ASIS* | | | | | | | | | |
| 150 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita com diadema e panejamento | FELTEMPR(EPARA)TIO Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Marca N ou M ao centro entre o legionário e o cavaleiro Casa da Moeda - SCON | AE3 | Bronze | Constâncio II | Arles | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.50 gr. | 16.5 mm | 15 mm | |
| 151 | (...)VSPFAVG Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | Duas Vitórias Aladas Frente a Frente segurando cada qual a sua coroa de louros Casa da Moeda – (...)PS? | Indet. | Bronze | Constâncio II? | Indet. | Séc. IV d.C. ? (324 a 361 d.C.) ? | 1.57 gr. | 19 mm | 18.5 mm | |
| 152 | Ilegível Busto do Imperador à direita | Ilegível Ao centro S[enatvs] C[onsultum] | Indet. | Bronze | Cláudio I? | Indet. | Indet. | 8.62 gr. | 26.5 mm | 26 mm | |
| 153 | DIVOC(LA)VD(I)O Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | CONSE(CRATIO) Altar flamejante com tecto com cornos | Antoniniano | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 3.05 gr. | 21 mm | 18.5 mm | |
| 154 | (...)DIVS AVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | (...)AVG Figura antropomórfica (aparentemente feminina) de pé, segurando cornucópia com a mão esquerda pela altura da cintura. Com a mão direita aparenta segurar balança, também pela altura da cintura | Antoniniano | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 2.93 gr. | 19 mm | 17 mm | |
| 155 | Ilegível Busto do Imperador à direita | FEL(TEMPREPARATIO) Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo Casa da Moeda – CONST. | Indet. | Bronze | Indet. | Constantino pla ou Arles | Séc. IV d.C. | 2.40 gr. | 16.5 mm | 16 mm | |
| 156 | CONSTANTINVS(IVN) NOBC Busto do Imperador à direita, com tiara | CAESARVMN(OSTRORV M?) Ao centro coroa de louros e a inscrição VOT / V ou X | AE3 | Bronze | Constantino II | Indet. | Séc. IV d.C. (317 a 340 d.C.) | 2.80 gr. | 19 mm | 18.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|-----------|--------|---------------------|--------------------------|-----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| 157 | CONSTANTI NVS(...) Busto do Imperador à direita, com diadema tipo roseta, couraça e panejamento | GLORIAEXERCITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. Casa da Moeda – SM(T)S(B) | AE4 | Bronze | Constantino I | Tessalonica | Séc. IV d. C. (307 a 337 d.C.) | 1.45 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 158 | CONSTANTINVS MAX AVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORI AEXERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. Casa da Moeda – (...) Motivo estelar (...) | AE4 | Bronze | Constantino I | Indet. | Séc. IV d. C. (307 a 337 d.C.) | 1.50 gr. | 15.5 mm | 14.5 mm | |
| 159 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORIA (ROMANORVM) Imperador de pé, dorso virado à direita, segura com a mão esquerda ao nível da cintura globo terrestre. Com a mão direita segura ao alto estandarte. Casa da Moeda - ANT | Indet. | Bronze | Indet. | Antioquia | Séc. IV d.C. | 3.63 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |
| 160 | (...)(CONSTAN)TIVS(...) Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLOR IAEXERC ITVS Dois legionários romanos frente a frente, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com | Indet. | Bronze | Constâncio II | Constantino pla ou Arles | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.56 gr. | 15 mm | 15 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-------------|--------|--|----------------|----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | | a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. Casa da Moeda – (...)ONS | | | | | | | | | |
| 161 | CRISPVN NOBCAES Busto do Imperador laureado à esquerda, com couraça e panejamento | PROVIDENTIA(CAE)SS Símbolo estelar ao cimo e centrada entre duas torres, encimando entrada amuralhada de acampamento romano Casa da moeda – (T) estrela AR | Follis | Bronze | Crispo | Arles | Séc. IV d.C. (317 a 326 d.C.) | 2.98 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |
| 162 | DNHONORIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (G)LORIA RO(MANORVM) Imperador de pé, dorso virado à direita, segura com a mão esquerda ao nível da cintura globo terrestre. Com a mão direita segura ao alto estandarte. Casa da Moeda – CONS | AE2 | Bronze | Honório | Constantinopla | Séc. IV d.C. (392 a 395 d.C.) | 4.85 gr. | 21 mm | 20 mm | |
| 163 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | Figura antropomórfica de pé? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV / V d.C.? | 0.88 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 164 | CONSTANTIVS(...) Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (FELTEMP)REPARATIO | Indet. | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.86 gr. | 16 mm | 16 mm | |
| 165 | DNVALEN SPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perlado, couraça e panejamento | SECVRITAS REIPVBLICAE Vitória caminha em direção à esquerda. Segura cetro com a mão direita e folha de palmeira com a mão esquerda. Casa da Moeda – SM (Folha) RP | AE3 | Bronze | Valente | Roma | Séc. IV d.C. (364 a 378 d.C.) | 1.83 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |
| 166 | +PHILIPPVS III DG Ao centro castelo. À direita do castelo II | HISPANIARVM REX 1603 | 2 Maravedis | Cobre | Filipe IV de Espanha (III de Portugal) | Indet. | Séc. XVII (1603) | 1.62 gr. | 17 mm | 16.5 mm | |
| 167 | (DN)GRATIANVSPFAVG G) | RE(PARATIO) REI(PVB) Imperador de pé à esquerda. | AE3 | Bronze | Graciano | Lugdunum | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 4.06 gr. | 22 mm | 22 mm | Lyon |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-----------|--------|---------------------|----------|-----------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| | Busto do Imperador à direita, com diadema perlado, couraça e panejamento | Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. Casa da Moeda – LVG(P ou S) | | | | | | | | | |
| 168 | CONSTANTINVS PFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLOR IAEXERCITVS Dois legionários romanos frente a frente O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. Casa da Moeda – (AQP) | Follis | Bronze | Constantino II | Aquileia | Séc. IV d.C. (337 a 348 d.C.) | 1.44 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 169 | CONSTANTINVS PFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLO(RIA)EXERCITVS Dois legionários romanos frente a frente O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. Ao centro um estandarte. | Follis | Bronze | Constantino II | Indet. | Séc. IV d. C. (317 a 340 d.C.) | 1.06 gr. | 15 mm | 14.5 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|--|-----------|--------|--------------------------------|----------|--------------------------------|-----------|--------------|--------------|---|
| 170 | DIVOC LAVDI(...) Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | Figura antropomórfica de pé, corpo virado à esquerda, face à direita | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 2.18 gr. | 20 mm | 17 mm | |
| 171 | Busto de Figura Humana à direita? | Aparenta possuir caracteres ibéricos | Indet. | Bronze | Indet. | Emérita? | Séc. II / I a.C.? | 11.62 gr. | 25 mm | 23.5 mm | Fabrico rudimentar. Ibero-romana? |
| 172 | (MAVACARI?)NVS NOBCAES Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | Jarro de abluções ao centro – Casa da Moeda (...)A(...) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. III / IV d.C.? | 3.58 gr. | 22 mm | 21.5 mm | Legenda improvável do anverso. Não foi possível determinar. |
| 173 | DN GRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema, couraça e panejamento | REPARATIO REIPVB Imperador de pé à esquerda. Na sua mão esquerda aberta, à altura da cintura apoia Vitória Alada que segura coroa de louros que está a colocar na cabeça da figura imperial. Com a mão direita segura mão direita de figura feminina de joelhos que curva a cabeça em sinal de reverência do vencido ao seu vencedor. As torres que coroam esta figura feminina são demonstradoras da cidade que se rendeu assim ao Imperador. Casa da Moeda – AS(ISC) | AE2 | Bronze | Graciano | Siscia | Séc. IV d.C. (379 a 383 d.C.) | 3.99 gr. | 22 mm | 21 mm | |
| 174 | Ilegível Busto do Imperador à direita | Ilegível S[ENATVS (C)ONSVLTVM] Figura antropomórfica de pé | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III d.C.? | 8.15 gr. | 26.5 mm | 25 mm | |
| 175 | (...)ARA(...) Busto do Imperador à esquerda, cabelo sem ornamentos | Ilegível | Indet. | Bronze | Cláudio I / Germânico / Nerva? | Indet. | Sécs. I / II d.C.? | 8.32 gr. | 27 mm | 26 mm | |
| 176 | Ilegível Busto do imperador à direita com tiara e panejamento | (FELTEMPREPARAT)IO | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 3.41 gr. | 19 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|-----------|--------|---------------------|-----------|------------------------------------|----------|--------------|--------------|------------------------------------|
| 177 | (CONS)TANTI VSPFAVG Busto do Imperador à direita laureado, com roseta diademada, couraça e panejamento | GLORI AEXERC ITVS Dois legionários de frente um para o outro, com elmo. O da direita segura espada com a mão direita apoiada pela ponta no solo. Com a mão esquerda segura lança. O da esquerda segura espada com a mão esquerda apoiada pela ponta no solo. Com a mão direita segura lança. O estandarte que se encontra ao meio de ambos tem a encimá-lo panejamento retangular com a letra G maiúscula ao centro. Casa da Moeda – (P)ARL | AE4 | Bronze | Constâncio II | Arles | Séc. IV d.C. (337 a 341 d.C.) | 1.35 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 178 | DNARCADI VSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORIA ROMANORVM Imperador de pé, dorso virado à direita, segura com a mão direita ao nível da cintura globo terrestre. Com a mão esquerda segura ao alto estandarte com Chrismon a encimá-lo. Casa da Moeda – ANTB | AE2 | Bronze | Arcádio | Antioquia | Séc. IV d.C. (392 a 395 d.C.) | 4.49 gr. | 21.5 mm | 20 mm | |
| 179 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita com diadema perolado, couraça e panejamento | FELTEMP(REP)ARATIO Soldado ataca com lança trespassando cavaleiro caído (este último sem barba) virado de costas Casa da Moeda – SMKA | AE3/4 | Bronze | Constâncio II | Cyzicus | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.30 gr. | 17 mm | 17 mm | |
| 180 | CONSTAN(S?) Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | (...)AVG(...) Duas Vitórias Aladas Face a Face Letra M ao centro, abaixo e entre as duas vitórias aladas | Indet. | Bronze | Constante? | Indet. | Sécs. IV / V d.C. | 1.26 gr. | 15 mm | 8 mm | |
| 181 | DNHONORI(...) Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | REPARATIO REIPVB Figura Imperial de pé. Figura feminina (?) de joelhos frente ao Imperador Casa da Moeda – POT ? | Indet. | Bronze | Honório | Indet. | Sécs. IV / V d.C. (393 a 423 d.C.) | 3.94 gr. | 23 mm | 22 mm | Inédita, falsa ou erro de leitura. |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|-----------|--------|---------------------|---------------|---------------------------------------|-----------|--------------|--------------|-----------------|
| 182 | DNARCADI VSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORIA ROMANORVM Imperador de pé, corpo de frente, mas ligeiramente torcionado para a direita, face à direita. Segura com a mão esquerda, estendida ao nível da sua cintura, globo, que representa o Mundo (Símbolo do Poder Terreno). Com o braço direito, cinge à cintura, estandarte encimado pelo CHRISMON (Símbolo do Poder Divino) Casa da Moeda – (...) HT? | AE2 / AE3 | Bronze | Arcádio | Indet. | Sécs. IV / V d.C. (383 a 408 d.C.) | 4.60 gr. | 22 mm | 21 mm | |
| 183 | (...)TANTI NVS(...) Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | REPARATIO REIPVB Figura Imperial de pé. Figura feminina (?) de joelhos frente ao Imperador Letra Alfa à direita do Imperador pela sua cintura | Indet. | Bronze | Constantino I? | Indet. | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.)? | 4.17 gr. | 24 mm | 20.5 mm | |
| 184 | CONSTANTI NVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | GLORIAEXERCITVS Dois legionários frente a frente. Seguram com a mão direita espada e com a esquerda lança. Duplo estandarte ao centro Casa da Moeda – SMT(...) | Indet. | Bronze | Constantino II ? | Tessalónica ? | Séc. IV d. C. ? (317 a 340 d.C.)? | 2.14 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 185 | Ilegível Busto Imperial à direita | (...)CT(...) Figura antropomórfica caminhando em direção à esquerda Letra S à frente (Senatvs Consvltvm?) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III / IV d.C.? | 10.37 gr. | 25 mm | 16 mm | Cerceada a meio |
| 186 | (...)GRATIA NVSPF(AVG) Busto do Imperador à direita com tiara (na parte cerceada certamente possuiria panejamento) | (REPARATIO REIPVB) Figura Imperial de pé. Figura feminina (?) de joelhos frente ao Imperador | Indet. | Bronze | Graciano | Indet. | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 2.82 gr. | 24 mm | 14 mm | Cerceada a meio |
| 187 | (IMPCAESN)ERVATR AIIANVS(OPTIMOGE R) Cabeça do Imperador à direita, laço no cabelo atrás da nuca | Ilegível | AS | Bronze | Nerva | Indet. | Séc. I d.C. (96 a 98 d.C.) | 8.34 gr. | 25.5 mm | 25 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-----------|--------|---------------------|----------------|---------------------------------------|----------|--------------|--------------|--|
| 188 | Ilegível Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | FELTEMPREPARATIO Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C. | 2.98 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |
| 189 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com coroa radiada e panejamento | (...)O(...)S(...) Figura antropomórfica caminhando em direção à esquerda | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C. | 2.26 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 190 | (CONSTANTI)NOPOLIS Busto de figura feminina (alegoria a Constantinopla) à esquerda, com elmo laureado e couraça. Segura cetro apoiado no ombro esquerdo. | Vitória alada de pé, de frente, cabeça virada à direita sobre proa de navio. Com a mão esquerda segura escudo acima do dito. Com a mão direita pela altura da cintura segura lança. Coroa de louros, no campo, à esquerda. Casa da Moeda – TRS | AE3 / AE4 | Bronze | Constantinopolis | Trier | Séc. IV d.C. (333 a 334 d.C.) | 2.03 gr. | 16 mm | 15.5 mm | Trier é muitas das vezes considerada pela tradição, como sendo a mais antiga cidade na Alemanha. |
| 191 | Ilegível Cabeça do Imperador à direita com tiara | (GLORIA)EXERC(ITVS) Dois legionários frente a frente. Seguram com a mão esquerda lança. Estandarte ao centro | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. IV / V d.C. | 1.65 gr. | 8 mm | 8 mm | |
| 192 | DNHON(ORIVS)PFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perolado, couraça e panejamento | (GLORIA ROMANO)RVM Imperador de pé, corpo de frente, mas ligeiramente torcionado para a direita, face à direita. Segura com a mão esquerda, estendida ao nível da sua cintura, globo, que representa o Mundo (Símbolo do Poder Terreno). Com o braço direito, cinge à cintura, estandarte encimado pelo CHRISMON (Símbolo do Poder Divino) Casa da Moeda – CONS(Alfa) | AE3 | Bronze | Honório | Constantinopla | Sécs. IV / V d.C. (393 a 423 d.C.) | 4.57 gr. | 22.5 mm | 22 mm | |
| 193 | CONSTANTINVS(IV)NNC Busto do Imperador à direita, laureado, com couraça e panejamento | GLORI AEXERC ITVS Dois legionários frente a frente, ambos com elmo. Seguram com a mão direita espada e com a esquerda | AE3 | Bronze | Constantino II | Arles | Séc. IV d.C. (333 a 334 d.C.) | 2.54 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|------------|--------|---------------------------|------------|------------------------------------|-----------|--------------|--------------|-------------|
| | | lança. Duplo estandarte ao centro Casa da Moeda – (P)?CONST | | | | | | | | | |
| 194 | (...)ONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara, couraça e panejamento | (FELTEMP)REPARATIO Legionário de pé à direita, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo. Casa da Moeda – (...)CO (?) / (...)OA (?) elemento deitado | AE3 | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.08 gr. | 18 mm | 16.5 mm | |
| 195 | (IMP)C(?)CLAVDI(VS AVG) Cabeça do Imperador à direita, com coroa radiada | Ilegível Figura antropomórfica de pé à esquerda | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 2.02 gr. | 18 mm | 18 mm | |
| 196 | DNTHEODO SIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | GLORIA ROMANORVM Imperador de pé, corpo de frente, mas ligeiramente torcionado para a direita, face à direita. Segura com a mão esquerda, estendida ao nível da sua cintura, globo, que representa o Mundo (Símbolo do Poder Terreno). Com o braço direito, cinge à cintura, estandarte encimado pelo CHRISMON (Símbolo do Poder Divino) Casa da Moeda – ALEA | AE3 | Bronze | Teodósio I ou Teodósio II | Alexandria | Sécs. IV / V d.C. (370 a 450 d.C.) | 5.80 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |
| 197 | Ilegível Busto do Imperador à direita | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III d.C.? | 7.33 gr. | 25 mm | 24 mm | |
| 198 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara e panejamento | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 5.57 gr. | 22 mm | 20.5 mm | |
| 199 | Ilegível Busto do Imperador à direita | (GLORIA ROMANORVM) | Indet. | Bronze | Graciano ou Arcádio? | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 5.77 gr. | 22 mm | 20.5 mm | |
| 200 | Ilegível Busto do Imperador à direita | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III d.C.? | 13.27 gr. | 27 mm | 26 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--|---|------------|--------|---------------------------|---------|----------------------------------|-----------|--------------|--------------|-------------|
| 201 | Ilegível Busto do Imperador à direita | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III d.C.? | 10.10 gr. | 26.5 mm | 26 mm | |
| 202 | DNCONSTAN TIVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perolado, couraça e panejamento | FELTEMP REPARATIO Legionário de pé à esquerda, ataca inimigo caído sob dorso de cavalo, letra M acima do peito do cavaleiro – Casa da Moeda PCON | AE4 / AE19 | Bronze | Constâncio II | Arles | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.51 gr. | 18.5 mm | 18 mm | |
| 203 | Ilegível Busto (Imperial ou Feminino) à direita | Ilegível Figura antropomórfica aparentemente de pé | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. II / III d.C.? | 8.22 gr. | 25 mm | 24.5 mm | |
| 204 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com panejamento | (GLORIA EXERCITVS) Dois legionários de pé, frente a frente, com duplo estandarte ao centro | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 2.28 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 205 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com panejamento, cabelo liso | (FELTEMPREPARATIO) Casa da Moeda – S(...) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 2.27 gr. | 17 mm | 15.5 mm | |
| 206 | Ilegível Busto do Imperador à direita, com tiara | (F)ELT(EMPREPARATIO) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 1.72 gr. | 14.5 mm | 14 mm | |
| 207 | (...)CL(?) Busto do Imperador à direita com coroa radiada | PAX (...) Figura antropomórfica de pé, de frente. | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico)? | Indet. | Sécs. III / IV d.C.? | 2.13 gr. | 18 mm | 16.5 mm | |
| 208 | Cabeça do Imperador à direita | Duas Vitórias Aladas face a face ? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.65 gr. | 13 mm | 13 mm | |
| 209 | Busto do Imperador à direita? | Casa da Moeda – (...) AMA? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.35 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 210 | Busto do Imperador à direita, com diadema perolado, couraça e panejamento | REPARATIO REIPVB Figura Imperial de pé. Figura feminina de joelhos frente ao Imperador. | Indet. | Bronze | Graciano | Indet. | Séc. IV d.C.? | 4.14 gr. | 23 mm | 22.5 mm | |
| 211 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 3.54 gr. | 20 mm | 18.5 mm | |
| 212 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.96 gr. | 13 mm | 12.5 mm | |
| 213 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.98 gr. | 16.5 mm | 15 mm | |
| 214 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.23 gr. | 14.5 mm | 14 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-----------|--------|------------------------|-----------------|-------------------------------|----------|--------------|--------------|---|
| 215 | Ilegível O Busto do Imperador com coroa radiada à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico)? | Indet. | Séc. III d.C.? | 1.80 gr. | 17 mm | 16 mm | |
| 216 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.80 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 217 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.67 gr. | 19 mm | 18.5 mm | |
| 218 | Busto do Imperador à direita | (...) REPARATIO? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.78 gr. | 15.5 mm | 15 mm | |
| 219 | Busto do Imperador à direita | Figura feminina togada de pé à esquerda. Aparentemente segura cornucópia cingida à cintura com o seu braço esquerdo | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2 gr. | 18 mm | 17 mm | |
| 220 | (Aparentemente busto do Imperador à direita) | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2 gr. | 16.5 mm | 16 mm | |
| 221 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.03 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |
| 222 | (VRBS) ROM(A) | Dois motivos estelares encimam a Loba do Capitólio / Capitolina que amamenta os dois gémeos Rómulo e Remo. Casa da Moeda - CONS | AE3 | Bronze | VRBS ROMA | Constantino pla | Séc. IV d.C. (306 a 350 d.C.) | 1.43 gr. | 14.5 mm | 14 mm | |
| 223 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 7.81 gr. | 24.5 mm | 20 mm | Cerceada parcialmente |
| 224 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.36 gr. | 18.5 mm | 12.5 mm | Cerceada parcialmente |
| 225 | (...)NSTAN TINVS (...) Busto do Imperador à direita. Orla perolada ou serrilhada. | Figuras antropomórficas no interior de templo? Casa da Moeda – PTR. Orla perolada ou serrilhada. | Indet. | Bronze | Constantino I | Trier | Séc. IV d.C. (307 a 337 d.C.) | 1.95 gr. | 19 mm | 14.5 mm | Aparentemente cerceada pela orla inferior |
| 226 | Ilegível | Figura antropomórfica de pé à esquerda? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 7.01 gr. | 27 mm | 14.5 mm | Cerceada a meio |
| 227 | (IMP DIVO?...) Busto do Imperador à direita, com barba e coroa radiada | (...)IS(...) Figura antropomórfica de pé à esquerda, segurando cajado ? com a mão direita e recipiente para líquidos com a esquerda ? | Indet. | Bronze | Cláudio II? | Indet. | Séc. III d.C.? | 1.36 gr. | 17.5 mm | 17 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-----------|--------|------------------------|----------|--------------------------------|----------|--------------|--------------|-------------|
| 228 | Busto de Imperador à direita com coroa de louros | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 7.22 gr. | 27.5 mm | 25 mm | |
| 229 | (DN)GRATIA NVSPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema perolado, couraça e panejamento | GL(ORIA ROM)ANORVM Imperador de pé? Casa da Moeda – SMAQ(P) | AE3 | Bronze | Graciano | Aquileia | Séc. IV d.C. (367 a 383 d.C.) | 4.16 gr. | 23 mm | 22 mm | |
| 230 | Ilegível Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 8.95 gr. | 22.5 mm | 22 mm | |
| 231 | DN CONSTAN (T) IVS PF AVG Cabeça do Imperador à direita, com tiara e panejamento | FELTEMP REPARATIO Casa da Moeda (...) PP? | Indet. | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 2.06 gr. | 16.5 mm | 16 mm | |
| 232 | DIV(O CLAVDI)O? Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | (CONSECRATIO?) Águia de pé, com corpo à esquerda e com cabeça virada à direita ? | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico)? | Indet. | Séc. III d.C. ? | 1.75 gr. | 17 mm | 14 mm | |
| 233 | Busto do Imperador à direita, com coroa radiada (Orla ilegível) | (...)AVG Figura antropomórfica de pé, à esquerda, segurando Cornucópia junto à cintura, do seu lado esquerdo (à direita do observador) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.39 gr. | 17 mm | 16.5 mm | |
| 234 | (DIVO? C)LAVD(IVS) Cabeça de Imperador com coroa radiada à direita. | CONSE(CRATIO) Águia de pé, com corpo à esquerda e com cabeça virada à direita | Indet. | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Indet. | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 2.56 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 235 | DN(...) (TINVS?...) Busto do Imperador à direita, com cabelo liso, tiara e panejamento | (FELTEMPREPARATIO) Cavaleiro... | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 4.21 gr. | 18.5 mm | 17.5 mm | |
| 236 | (...) IVS AVG ? Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | (VICT)ORIA AVG ? Vitória Alada de Pé à esquerda | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.61 gr. | 18 mm | 16.5 mm | |
| 237 | (...) IVS PF AVG Busto do Imperador à direita, com coroa radiada | VICT(ORI?)A AVG Vitória Alada de Pé à direita | Indet. | Bronze | Constâncio? | Indet. | Indet. | 3.50 gr. | 19.5 mm | 18 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|--|-----------|--------|---------------------|---------|----------------------------------|-----------|--------------|--------------|--|
| 238 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 3.76 gr. | 20.5 mm | 20 mm | |
| 239 | Ilegível Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.61 gr. | 15.5 mm | 14 mm | |
| 240 | Busto do Imperador à direita? Coroa Radiada? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.31 gr. | 18.5 mm | 17.5 mm | |
| 241 | Busto do Imperador à direita? | (FELTEMPREPARATIO?) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 242 | Busto do Imperador à direita | Templo ou Altar (...) IO | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.15 gr. | 13 mm | 12 mm | |
| 243 | CONSTAN TIVS PFAVG | (GLORIA EXERCITVS) | Indet. | Bronze | Constâncio II | Indet. | Séc. IV d.C. (324 a 361 d.C.) | 1.41 gr. | 14 mm | 13.5 mm | |
| 244 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.35 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 245 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 10.36 gr. | 27.5 mm | 13.5 mm | Cerceada a meio |
| 246 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 8.48 gr. | 25 mm | 24.5 mm | |
| 247 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.52 gr. | 16 mm | 15 mm | Romana |
| 248 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.56 gr. | 16,5 mm | 15 mm | |
| 249 | Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. IV / V d.C.? | 1.20 gr. | 12 mm | 11.5 mm | |
| 250 | Busto do Imperador à direita com tiara e panejamento | (FELTEMPREPARATIO Cavaleiro ...) Casa da Moeda – R?OM? | Indet. | Bronze | Indet. | Roma? | Indet. | 1.79 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 251 | Busto do Imperador à direita? | Duas figuras antropomórficas de pé, frente a frente? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.12 gr. | 14 mm | 13 mm | |
| 252 | Busto do Imperador à direita | (GLORIA EXERCITVS Dois legionários de pé, frente a frente, segurando lança numa mão e espada na outra, com estandarte ao centro) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.85 gr. | 16 mm | 15 mm | Aparenta possuir vestígios de molde à esquerda (pingo que verteu para molde para cunhagem em “cacho de uvas”). |
| 253 | CONSTAN SPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema rosetado, couraça e panejamento | Duas Vitórias Aladas, frente a frente, segurando cada uma delas uma coroa de louros ao centro do exemplar | Indet. | Bronze | Constante I | Indet. | Séc. IV d.C. (333 a 350 d.C.) | 1.55 gr. | 16 mm | 15.5 mm | |
| 254 | CONSTAN SPFAVG Busto do Imperador à direita, com diadema | (GLORIA EXERCITVS Dois legionários de pé, frente a frente, segurando lança | AE4 | Bronze | Constante I | Siscia | Séc. IV d.C. (333 a 350 d.C.) | 1.78 gr. | 15.5 mm | 15 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|---|---|-----------|--------|---------------------|------------------|-----------------------------------|-----------|--------------|--------------|---|
| | rosetado, couraça e panejamento | numa mão e espada na outra, com estandarte ao centro Casa da moeda – ASIS | | | | | | | | | |
| 255 | Busto de Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.58 gr. | 14 mm | 14 mm | |
| 256 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.24 gr. | 15 mm | 13 mm | Romana. Fragmentada naturalmente. |
| 257 | Busto do Imperador à direita | (GLORIA EXERCITVS Dois legionários de pé, frente a frente, segurando lança, com duplo estandarte ao centro) CONST? | Indet. | Bronze | Indet. | Constantino pla? | Indet. | 2.43 gr. | 17 mm | 16 mm | |
| 258 | Busto do Imperador à direita | Figura antropomórfica de pé? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 26.05 gr. | 34 mm | 32 mm | Provável Medalhão, pela sua dimensão. |
| 259 | Busto do Imperador à direita | (GLORIA R)OMA(NORVM) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 5.15 gr. | 22 mm | 21.5 mm | |
| 260 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 6.64 gr. | 26 mm | 24 mm | Hispano-romana? |
| 261 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.85 gr. | 18 mm | 17 mm | Romana? |
| 262 | Busto do Imperador à direita | (GLORIA EXERCITVS Dois legionários de pé, frente a frente, segurando espada, com duplo estandarte ao centro) | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.87 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 263 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1 gr. | 14 mm | 13.5 mm | |
| 264 | Busto do Imperador à esquerda? | Coroa de louros | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.11 gr. | 14 mm | 14 mm | Moeda votiva? |
| 265 | (...)NVS NOB CAES Busto do Imperador à direita com diadema perolado, couraça e panejamento | (GLORIA EXERCITVS) Dois legionários de pé, frente a frente, segurando lança, com estandarte ao centro) Casa da moeda – (...)P | Indet. | Bronze | Constantino II | Indet. | Séc. IV d. C. (317 a 340 d.C.) | 1.09 gr. | 15 mm | 14 mm | Pode não se tratar de uma GLORIA EXERCITVS. |
| 266 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.47 gr. | 13 mm | 12.5 mm | Romana |
| 267 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.19 gr. | 16 mm | 15 mm | |
| 268 | Busto do Imperador à direita | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.62 gr. | 16.5 mm | 16 mm | Tardo-romana |
| 269 | Busto do Imperador à esquerda | S(enatvs) C(onsvltvm) Figura antropomórfica, aparentemente masculina, de pé, com ambos os braços | Indet. | Bronze | Cláudio I? | Indet. | Séc. I d.C.? (41 a 54 d.C.)? | 9.57 gr. | 25 mm | 24 mm | |

| Nº | Anverso | Reverso | Tipologia | Metal | Monarca / Imperador | Oficina | Cronologia | Peso | Módulo Maior | Módulo Menor | Observações |
|-----|--------------------------------|-------------------------------|------------|--------|---------------------|---------|---|----------|--------------|--------------|---------------|
| | | erguidos em posição de orante | | | | | | | | | |
| 270 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 4.22 gr. | 22.5 mm | 22 mm | |
| 271 | Busto do Imperador à esquerda | Ilegível | Sestércio | Bronze | Cláudio I? | Indet. | Séc. I d.C.? (41 a 54 d.C.)? | 8.75 gr. | 25.5 mm | 24 mm | |
| 272 | Busto do Imperador à direita | (FELTEMPREPARATIO)? | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.95 gr. | 15 mm | 14 mm | Tardo-romana |
| 273 | Busto do Imperador à direita? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.89 gr. | 16 mm | 14.5 mm | Romana |
| 274 | Ilegível | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 9.98 gr. | 26 mm | 25.5 mm | Romana |
| 275 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.24 gr. | 9.5 mm | 9 mm | Romana? |
| 276 | DN(?)(...)NOB C(AE...) | Ilegível | Indet. | Bronze | ConstantinoII ? | Indet. | Séc. IV d. C. ? (317 a 340 d.C.)? | 2.92 gr. | 19 mm | 18.5 mm | |
| 277 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 6.29 gr. | 24 mm | 22.5 mm | Romana? |
| 278 | Busto do Imperador à direita ? | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 3.50 gr. | 18mm | 17.5 mm | Tardo-romana? |

NUMISMAS PROSPECÇÕES CIRCUITO HIDRÁULICO CALIÇOS-PIAS

| | | | | | | | | | | | |
|-----|---|---|-------------|--------|--------------------------|--------|-----------------------------------|----------|---------|--------|--|
| 279 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Cobre | Monarquia | Indet. | 4ª Dinastia ? | 4.50 gr. | 28 mm | 27 mm | Herdade da Torre 1 |
| 280 | 50 CENTAVOS (na parte superior do numisma) No exergo uma espiga de trigo erguida ao centro, ladeada por duas espigas a 45º deitadas de cada um dos lados | REPÚBLICA PORTUGUESA 5 Quinas no interior de cinco escudos dispostos em forma de cruz *197(...)*(no exergo) | 50 Centavos | Bronze | República | Indet. | Séc. XX (Década de 70) | 4.17 gr. | 22.5 mm | 22 mm | Monte do Guedelha |
| 281 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 2.37 gr. | 18 mm | 17 mm | Herdade da Torre Tardo-romana? |
| 282 | Ilegível | Ilegível | Sestércio? | Bronze | Indet. | Indet. | Sécs. I a III d.C.? | 10.87gr. | 32mm | 18mm | Herdade da Torre. Cerceada parcialmente. |
| 283 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 0.91gr. | 16mm | 14.5mm | Herdade da Torre Tardo-romana? |
| 284 | Ilegível | Ilegível | Indet. | Bronze | Indet. | Indet. | Indet. | 1.24gr. | 8mm | 7.5mm | Herdade da Torre Tardo-romana? |
| 285 | D(ivo claudio)? Busto do Imperador com coroa radiada à direita? | (co)NSECRA(tio) Águia com o corpo de frente, asas abertas, cabeça virada à esquerda | Consecratio | Bronze | Indet. | Indet. | Séc. III d.C.? | 1.66gr. | 16mm | 15.5mm | Herdade da Torre |
| 286 | IMP CLAVDIVS PF AVG | P(R)O(VID) AVG Providentia, de pé à direita. | Antoniniano | Bronze | Cláudio II (O Gótico) | Milão | Séc. III d.C. (268 a 270 d.C.) | 3.74gr. | 18.5mm | 17.5mm | Herdade da Torre |

MÁRIO GOUVEIA

Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda (INCM/MCM)

mario.gouveia@incm.pt

O numismata laborioso: Damião Peres e as origens do Museu Numismático Português

REVISTA M · Nº 4 · 2021/2022 · 77 - 88

 MUSEU
CASA DA
MOEDA

CASA DA MOEDA

RESUMO

Este artigo visa apresentar algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido por Damião Peres, como conservador do Museu Numismático Português, nas décadas de 30 a 70 do século XX. As reflexões incluem o percurso biográfico do historiador e numismata português e os seus principais contributos para o desenvolvimento da instituição museológica: o trabalho de inventário da coleção numismática, a gestão do processo que conduziu à integração da Coleção D. Luís no domínio do Estado Português e a publicação de alguns livros sobre séries específicas da coleção.

PALAVRAS-CHAVE: Museu Numismático Português; Damião Peres; inventário museológico; Coleção D. Luís.

ABSTRACT

This essay aims to present some thoughts on the work carried out by Damião Peres as the curator of the Portuguese Numismatic Museum from the 1930s to the 1970s. These thoughts include the biographical path of the Portuguese historian and numismatist, as well as his main contributions to the development of the museological institution: the inventory of the numismatic collection, the management of the process that led to the integration of the Luís I Collection in the domain of the Portuguese State, and the publication of some works on specific series of the collection.

KEYWORDS: Portuguese Numismatic Museum; Damião Peres; museum inventory; Luís I Collection.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os primeiros resultados de um projeto de investigação que visa compreender a história da instituição que, entre as décadas de 20 e de 80 do século XX, teve a seu cargo a conservação, o estudo e a divulgação da mais importante coleção numismática e medalhística de utilidade pública em Portugal: o Museu Numismático Português, de início afeto à Casa da Moeda e, a partir de 1972, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Nas páginas que se seguem, iremos propor algumas reflexões, com carácter preliminar, sobre a ação de um dos conservadores que mais contribuíram para dar visibilidade à coleção, numa época em que Portugal atravessava uma conjuntura difícil, relacionada com a transição da Primeira República para a Ditadura Militar e o Estado Novo: falamos, como é evidente, de Damião Peres (Lisboa, 8 de julho de 1889 – Porto, 26 de outubro de 1976), autor de uma vastíssima produção científica no âmbito da história e da numismática portuguesas.

Como se sabe, Damião Peres entrou em funções no Museu Numismático Português antes da transferência dos serviços da Casa da Moeda para o edifício situado na avenida António José de Almeida, junto ao Arco do Cego, em Lisboa. Na década de 30 do século XX, época que coincidiu com a transferência, este Museu tinha à sua guarda um acervo constituído por moedas provenientes sobretudo de duas grandes coleções, uma ligada à história da Casa da Moeda

e outra ligada à história da Casa de Bragança. Damião Peres entrou em funções com o objetivo de proceder não só ao inventário deste acervo, trabalho que terá sido iniciado no tempo de Pedro Batalha Reis, mas também ao estudo das séries que o compunham, nomeadamente através da publicação de livros em que efetuava a caracterização dos aspetos técnicos relativos às moedas e em que procedia à contextualização histórica das peças. A estas tarefas no âmbito museológico veio juntar-se, em dado momento, a gestão do processo jurídico e administrativo de que terá resultado a transferência dos direitos de propriedade ou titularidade sobre a Coleção D. Luís, exposta no Gabinete Numismático do Palácio da Ajuda e transferida, após a implantação da República a 5 de outubro de 1910, para o domínio público do Estado Português.

Damião Peres e o Museu Numismático Português

O Museu Casa da Moeda, o primeiro projeto de museologia digital dedicado à numismática e à medalhística em Portugal, nasceu com o propósito de conferir visibilidade a uma coleção museológica que esteve patente ao público, nas instalações da Casa da Moeda, em Lisboa, entre os anos de 1924 e 1978, mas que, por razões de segurança, foi recolhida ao cofre desta instituição em 1987, cerca de um ano após a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia. Nos finais da década de 80 do

século XX, este Museu contava já com uma longa história e representava aquilo que de melhor se fazia, em Portugal, no respeitante a práticas museológicas associadas ao estudo de coleções numismáticas e medalhísticas.

Na sua origem, esta coleção era constituída por vários núcleos, sendo de se destacar a presença de dois mais relevantes: a Coleção Casa da Moeda, formada na sequência da publicação do Aviso de 25 de janeiro de 1777, assinado por Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, e por meio do qual se criou o Cofre da Casa da Moeda; e a Coleção D. Luís, organizada pelo representante da Casa de Bragança nos finais do século XIX, exposta no Gabinete Numismático do Palácio da Ajuda e transferida para a posse do Estado Português após a implantação da República a 5 de outubro de 1910. A estes núcleos vieram juntar-se, em vários momentos da história da instituição, moedas e medalhas com diferentes origens, algumas ligadas a instituições, outras, pelo contrário, a particulares: já em 1863, Betâmio de Almeida, Diretor da Casa da Moeda, organizara um Gabinete Numismático, a partir da coleção reunida desde 1777, que contava com peças provenientes da Companhia de Jesus e do Mosteiro de Alcobaça, bem como outras de ouro e prata tiradas de circulação em 1854 ou adquiridas a Joaquim José Colaço em 1863.

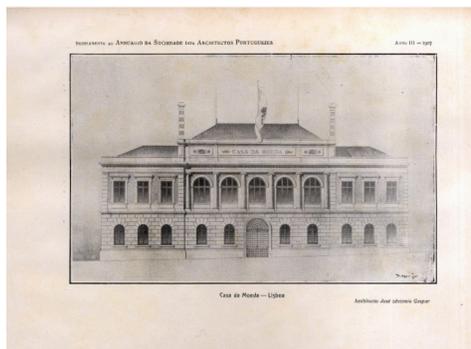


Figura 1 – Representação da fachada principal do edifício da Casa da Moeda situado na rua de São Paulo, em Lisboa. A Casa da Moeda transferiu-se para esta zona de Lisboa em 1720, tendo sobrevivido ao terramoto que assolou a cidade em 1755. No século XIX foi projetado um edifício que se manteve em funções até à transferência da instituição para a avenida António José de Almeida.

Durante os cerca de cinquenta anos em que teve as suas portas abertas ao público, primeiramente nas instalações da rua de São Paulo e posteriormente nas da avenida António José de Almeida, foram levadas a cabo várias atividades no Museu Numismático Português com o intuito de se organizar, estudar e divulgar o acervo, que constituía, à época, a mais importante coleção numismática e medalhística do país. O processo de transferência dos dois núcleos fundadores, aos quais se juntariam algumas incorporações com caráter mais esporádico, foi especialmente complexo, na medida em que a composição do acervo era, por natureza, heteróclita. De facto, se a Coleção Casa da Moeda se mantivera sempre sob a alçada desta instituição, já a Coleção D. Luís esteve no centro de um processo jurídico e

administrativo relacionado com a passagem da esfera de propriedade da Coroa para a esfera de propriedade do Estado. Esta Coleção passou a integrar o domínio público do Estado a partir de 1934, data em que Portugal atravessava um período difícil da sua história, associado à transição da Ditadura Militar para o Estado Novo e prefigurado, entre outros aspetos relevantes, pela promulgação da Constituição de 1933.



Figura 2 – Fachada principal da Casa da Moeda nos meados do século XX. Projetado pelo arquiteto Jorge Segurado, este edifício integrava um espaço da cidade de Lisboa que tinha sido alvo de profundas reformulações urbanísticas e onde se tinham erguido vários outros edifícios ligados à estética modernista.

Foi também neste ano que Pedro Batalha Reis, indigitado no cargo de Conservador do Museu Numismático Português, instituição entretanto elevada à condição de museu nacional, encentou esforços no sentido de se proceder ao inventário sistemático da coleção museológica. As informações de que dispomos permitem-nos pensar que, nessa altura, ainda havia uma distinção relativamente clara entre os vários núcleos de peças que integravam a coleção, apesar

de essa distinção se ter perdido, em parte, com o passar dos anos. De facto, a documentação da época refere que, à data da criação do cargo, o Museu Numismático Português integrava quatro núcleos relevantes: a Coleção Casa da Moeda, a Coleção D. Luís, parte do Gabinete Numismático da Biblioteca Nacional e a coleção de medalhas da Academia das Ciências. Ainda assim, sabemos que este trabalho não terá sido concluído pelo Conservador, uma vez que, pouco antes da transferência dos serviços da Casa da Moeda para o edifício do Arco do Cego, já Damião Peres colaborava no inventário da coleção. Este trabalho ter-se-á prolongado durante vários anos e dele terá resultado a produção de uma série de livros manuscritos contendo o inventário da coleção, sendo as peças aí registadas em sequência.



Figura 3 – Panorâmica do espaço expositivo do Museu Numismático Português. Os expositores apresentavam a coleção numismática segundo critérios cronológicos, estando as moedas acompanhadas por etiquetas, escritas à mão, contendo a descrição das informações mais relevantes.

Historiador, numismata e professor universitário, Damião Peres concluíra o Curso Superior de Letras, iniciara o seu percurso profissional como professor de

História em liceus e chegara a desempenhar o cargo de Reitor no Liceu do Funchal entre 1912 e 1915. Em 1919, foi transferido para o Liceu Gil Vicente, em Lisboa, e aí estabeleceu contactos com outros académicos e intelectuais, entre os quais Leonardo Coimbra. De regresso de uma missão no estrangeiro, durante a qual procedeu a um estudo sobre as instalações liceais e o ensino da geografia, acabou por interromper o magistério para passar a integrar o corpo docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por convite de Leonardo Coimbra, na altura Ministro da Instrução Pública. Desempenhou funções como Professor do 4.º Grupo (Ciências Históricas), e, após o término do contrato de dois anos, foi reconduzido como Professor Ordinário, tendo como incumbência a regência de diversas cadeiras. Por eleição do Conselho Escolar, desempenhou funções como Secretário da Faculdade entre 1920 e 1926, e, já depois disso, como Chefe de Gabinete do Ministro da Instrução Pública entre 1925 e 1927.

Como promotor da história e do património, Damião Peres fundou o Museu de Arqueologia Histórica, que funcionava anexo à Faculdade de Letras, e chegou a assumir a respetiva direção. Em 1925, procedeu à criação do Instituto de Investigação Histórica da Universidade do Porto e assumiu a direção do Arquivo Histórico da Cidade do Porto. Obteve no ano seguinte o grau de Doutor em Letras – Ciências Históricas, vindo a ser nomeado Diretor da Faculdade de Letras, cargo que exerceu entre 1926 e 1930. Após a extinção da instituição em 1928, foi

reconduzido como Professor do Liceu Rodrigues de Freitas, aí permanecendo até 1930. Foi na qualidade de Professor Contratado em Comissão de Serviço que defendeu provas públicas para Professor Catedrático do 4.º Grupo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, apresentando como dissertação um ensaio dedicado à diplomacia portuguesa e à problemática da sucessão em Espanha entre 1700 e 1704.

Entre 1931 e 1959, data em que se jubilou, Damião Peres desenvolveu intensa atividade de produção científica no domínio da história e participou na publicação de periódicos como a *Revista portuguesa de história*. A sua reputação como numismata mereceu-lhe um convite para organizar a coleção numismática do Museu Municipal do Porto e também para assumir a direção do Museu Numismático Português, que funcionava anexo à Casa da Moeda desde 1924, data em que fora oficialmente inaugurado pelo Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes. Damião Peres permaneceu em funções nesta instituição até à data da sua aposentação, tendo realizado o inventário sistemático das coleções museológicas e conferido grande visibilidade a este acervo. Falecido em 1976, deixou atrás de si uma vastíssima obra historiográfica, de que se destaca a *História de Portugal*, dita *de Barcelos* (1928-1954), na altura saudada pelo público como uma das mais importantes obras sobre a história de Portugal, desde os tempos pré-nacionais até à atualidade.

Os anos em que Damião Peres trabalhou na Casa da Moeda foram

de intensa produção científica. A sua ação visou organizar uma coleção cuja composição, apesar de parcialmente divulgada desde o século XIX, data em que A. C. Teixeira de Aragão publicara vários livros que incluíam o estudo da Coleção D. Luís, era ainda praticamente desconhecida do grande público. Aliás, este numismata chegara a divulgar parte substancial do acervo que tinha estado exposto no Palácio da Ajuda em obras seminais como a *Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (1867), a *Descrição histórica das moedas romanas do Gabinete Numismático de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I* (1870) e, muito especialmente, a *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* (1874-1880). O próprio infante D. Luís, em 1855, dera a conhecer ao público parte da sua coleção na obra *Catálogo das medalhas e dinheiros antigos e modernos oferecido ao meu amigo Manuel Moreira Coelho*, na qual procedeu ao estudo de cento e cinco moedas portuguesas e quinze estrangeiras. Quando a coleção seguiu para a Exposição Internacional de Paris, em 1867, já D. Luís tinha sido nomeado Presidente de Honra da Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia, o que revelava a especial consideração em que era tido pelos meios académicos e científicos ligados à investigação numismática.

Os tempos em que Damião Peres permaneceu à frente do Museu Numismático Português foram, por

estes motivos, especialmente relevantes. Aliando o seu incansável labor como historiador a um enorme interesse pelos estudos numismáticos e medalhísticos, o novo Conservador do Museu viu satisfeitos os seus desígnios de estudo da coleção quando, em 1934, a Direção-Geral da Fazenda Pública, após vários pedidos do Administrador-Geral da Casa da Moeda, entregou as chaves das vitrines em que se guardavam as moedas e medalhas da Coleção D. Luís, o que permitiu o acesso direto às peças, e, conseqüentemente, o início dos trabalhos de inventário. Este trabalho iniciou-se por volta de 1937 e prolongou-se durante vários anos, uma vez que Damião Peres conjugava o seu trabalho como numismata na instituição com vários outros cargos e ofícios, dentro e fora da Casa da Moeda. No termo dos trabalhos de inventário, a Coleção D. Luís passou a estar representada no *Livro 1.º de inventário*, com os registos n.º 1 a 9275, e o Fundo Geral no *Livro 2.º de inventário*, com os registos n.º 9276 a 11138.

Mas este moroso trabalho não se traduziu apenas na atribuição de números de inventário às peças que se guardavam na instituição. De facto, antes de dar entrada dos registos, Damião Peres teve o cuidado de estudar detalhadamente a coleção que tinha a seu cargo, com o objetivo de identificar séries e subséries, associando-as aos respetivos contextos históricos e assim ordenando as peças segundo critérios cronológicos. Nestes livros, as moedas foram registadas de forma sequencial, passando o registo a refletir a existência de uma coleção que,

no termo dos trabalhos, estava não apenas inventariada, mas também contextualizada historicamente. Pese embora a existência de falhas e lacunas, esta seriação permitiu obter uma visão de conjunto da coleção e com isso criar uma associação das peças em grandes séries e subséries civilizacionais. Na prática, o Conservador do Museu olhara para as peças que dele faziam parte como testemunhos materiais do passado histórico e não apenas como objetos de museu sem ancoragem nas coordenadas de tempo e espaço.

Quando, em 1938, se iniciou o processo de transferência de todos os serviços da Casa da Moeda para o Arco do Cego, Damião Peres deu continuidade ao trabalho de inventário da coleção e produziu o *Livro 3.º de inventário*, contendo os registos a partir do n.º 1139. Este trabalho decorreu a par da entrega de todas as espécies que se encontravam depositadas na rua de São Paulo e que foram progressivamente transferidas para a avenida António José de Almeida, num processo burocraticamente complexo. Em 1944, o Museu Numismático Português passou a funcionar anexo às novas instalações da Casa da Moeda e viu as suas atribuições confirmadas pela publicação de diplomas que visaram regulamentar, entre outros aspetos, a transferência da coleção. Dois anos depois, em 1946, estavam já criadas as condições para que o Museu Numismático Português voltasse a ter as suas portas abertas ao público nessas instalações, projetadas por um arquiteto, Jorge Segurado, cuja obra se constituía como

símbolo de um importante fenómeno artístico e arquitetónico: o modernismo.

À medida que decorria o trabalho de inventário em livros, Damião Peres também teve o cuidado de produzir uma série de fichas em papel nas quais procedeu à descrição das características das moedas. Na prática, se os livros continham a informação que era considerada essencial para se identificarem as peças no acervo, já as fichas serviam para o estudo detalhado de cada peça, na medida em que continham a descrição dos seus elementos técnicos: além do campo para o número de inventário, as fichas continham outros tópicos necessários para a sua caracterização numismática e contextualização histórica. Entre estes, incluíam-se informações acerca da série, da arrumação, da denominação, da data, do metal, do diâmetro, do peso, da época e, por fim, da descrição. No campo reservado à época, Damião Peres dava informações sobre o contexto histórico que assistira à produção da peça, e, no reservado à descrição, incluía leituras de anverso e reverso que podiam ser facilmente cotejadas com as fotografias também disponíveis. Estas continham não só as imagens de ambas as faces de cada peça, mas também uma etiqueta contendo o número de inventário associado. No fim, ainda podiam surgir remissões para obras de referência publicadas em Portugal sobretudo durante o século XIX, em especial as da autoria de A. C. Teixeira de Aragão, já nesta altura consideradas clássicas.

Como é evidente, esta última informação indicia que Damião Peres não

procedeu ao inventário da coleção tendo como critério único os conhecimentos de que dispunha na matéria, que eram, como se sabe, muito amplos. Pelo contrário, o Conservador da coleção tinha ao seu dispor um manancial bibliográfico constituído por catálogos de referência que podiam ser utilizados para tirar dúvidas ou esclarecer problemas decorrentes da comparação ou da interpretação das peças. Mas mais do que isso: o Conservador preocupou-se em encontrar nestes catálogos não apenas os paralelos corretos para as peças que estava a descrever, mas também, e sobretudo, os locais onde as peças tinham sido previamente publicadas ou referidas, quer sob a forma de desenhos, quer sob a forma de fichas com informações numismáticas e históricas. Nas primeiras décadas do século XX, esta prática não era ainda corrente entre nós, facto que acentua o carácter pioneiro do trabalho levado a cabo até no plano da metodologia científica. Além disso, esta metodologia estava ligada também a questões deontológicas: ao fazer remissões bibliográficas, o Conservador não só traçava o historial das peças, mas também chamava a atenção para o trabalho dos numismatas que o precederam.

Paralelamente a estas tarefas, Damiano Peres dedicou-se ao estudo de algumas séries numismáticas mais desconhecidas do grande público. Os primeiros resultados do seu trabalho viriam a ser publicados, entre 1963 e 1971, num catálogo em que procedeu ao estudo de um núcleo de peças ligadas à história do Estado da Índia entre os

séculos XVI e XVIII, dado à estampa com o título *Catálogo das moedas indo-portuguesas do Museu Numismático Português*. Simultaneamente, o Conservador estudou os documentos que se guardavam no arquivo da instituição, em especial o muito célebre *Livro dos privilégios dos moedeiros*, um códice contendo o registo dos privilégios concedidos pelos vários reis portugueses à corporação dos moedeiros entre os inícios do século XIV e os meados do século XVIII, e publicou, entre 1964 e 1965, um estudo muito detalhado sobre os oficiais que trabalharam na Casa da Moeda durante as épocas medieval e moderna, intitulado *História dos moedeiros de Lisboa como classe privilegiada*. Revelando um profundo conhecimento do arquivo da instituição, este estudo rapidamente se transformou numa obra de referência para todos quantos, a partir de então, procuraram estudar a história da Casa da Moeda, da corporação dos moedeiros e das técnicas que asseguraram o lavramento da moeda antes da sua adaptação às inovações que se fizeram sentir a partir dos finais do século XVII, época que coincidiu não só com a introdução da cunhagem por balancé de parafuso, mas também com a publicação do *Segundo Regimento da Casa da Moeda de Lisboa*.

Por estes motivos, podemos dizer que o trabalho de inventário da coleção levado a cabo por Damiano Peres foi, a todos os níveis, original: nunca, até então, um museu público dispusera de uma coleção de moedas com um inventário tão organizado, facto que terá contribuído para a visibilidade nacional

e até internacional do museu. Provam-no, por exemplo, os documentos conservados no respetivo arquivo atestando a chegada de correspondência vinda do estrangeiro ou de outras partes do país, trocada por Damião Peres e os seus interlocutores, com o intuito de se formalizar a incorporação, geralmente por oferta, de novas peças. Além do trabalho de inventário da coleção, o Conservador preocupou-se, como é natural, em guardar toda a documentação que ia sendo trocada entre a Casa da Moeda e outras instituições e que retratava a história das peças que iam sendo incorporadas no acervo, à medida que decorriam os trabalhos que visavam o seu estudo. Nas décadas de 30 a 70 do século XX, época que coincide com o trabalho deste Conservador, a Casa da Moeda passou a dispor não só de um museu dedicado à numismática, mas também de um arquivo que contava a história desse museu e a complicada trama de relações que assegurara a incorporação de um núcleo especialmente relevante: a Coleção D. Luís.

Com efeito, este problema permanecia por resolver uma vez que a Fundação da Casa de Bragança, criada após a morte do rei D. Manuel II, reclamava como sua a herança que o monarca referira em testamento, mas que tinha sido transferida, em parte, para o domínio público do Estado Português. Este processo conheceu várias fases, tendo a Coleção D. Luís transitado de forma progressiva para a Casa da Moeda poucos anos após a implantação da República, data em que terá sido feito um arrolamento do

recheio do Palácio da Ajuda que incluía o antigo Gabinete Numismático de D. Luís. Nas décadas que se seguiram àquela efeméride, foram trocadas várias missivas entre os administradores das duas instituições envolvidas nesta querela jurídica que, pouco a pouco, ganhava contornos políticos. A correspondência expedida por ambas as partes demonstra que o processo não foi pacífico, apesar de o Estado ter passado a considerar a Coleção D. Luís como parte integrante do domínio público ainda antes da transferência da Casa da Moeda para o Arco do Cego.

Damião Peres teve um papel de capital importância na gestão deste processo jurídico e administrativo, uma vez que era o responsável pela conservação da coleção que viera do Palácio da Ajuda e que se encontrava, nos finais da década de 30 do século XX, na Casa da Moeda. Em 1954, o Conservador chegou a solicitar ao Presidente da Comissão Executiva da Fundação da Casa de Bragança um entendimento quanto ao regime de depósito da Coleção D. Luís no Museu Numismático Português, com a justificação de ser prejudicial à cultura nacional a separação desta coleção da que fora constituída no Museu. Além disso, chegou a sugerir que a coleção de moedas fosse considerada propriedade do Estado e que se enviasse a Vila Viçosa, com o objetivo de aí ser exposta, a coleção de medalhas. A Fundação da Casa de Bragança terá respondido positivamente a esta solicitação e aceitou receber a coleção de medalhas e os duplicados das moedas que se conservavam na coleção

régia. Em 1955, o Ministro das Finanças emitiu um parecer favorável à proposta de solução defendida por Damião Peres, facto que terá despoletado o início da entrega de parte da coleção, constituída, neste caso, por cerca de duas mil medalhas, cinquenta duplicados de moedas e trinta estojos com camafeus.

Damião Peres chegou a ser convidado pela Fundação da Casa de Bragança para proceder ao estudo do espólio que iria ser transferido, mas este trabalho, segundo julgamos, não chegou a ser realizado de forma integral. Nos anos que se seguiram, o Conservador continuou o trabalho iniciado na década de 30 e atualizou o inventário da coleção do Museu Numismático Português em novos livros manuscritos. Desta vez, no entanto, a atenção recaiu não apenas nas moedas que ainda aguardavam inventário, mas também nas medalhas cuja catalogação se encontrava por fazer. Em 1967, é concluído o *Livro 3.º de inventário*, contendo os registos até ao n.º 24079, e, cerca de um ano depois, iniciado o *Livro 4.º de inventário*, contendo os registos a partir do n.º 24080. No fim deste longo processo, o Museu Numismático Português passou a dispor de um inventário mais alargado e que integrava a quase totalidade da coleção que se encontrava em depósito na Casa da Moeda. Foi, aliás, com base nesse inventário que foi desenvolvido, nas décadas que se seguiram, todo o trabalho de conservação e divulgação do acervo que permitiu consolidar o papel do Museu como instituição detentora da principal coleção de utilidade pública no Portugal do Estado Novo.

Conclusão

Ao longo deste artigo, procurámos caraterizar alguns aspetos relativos à história da Casa da Moeda, e, em especial, do Museu Numismático Português, nas décadas de 30 a 70 do século XX, salientando muito concretamente o papel desempenhado por Damião Peres, um dos seus primeiros conservadores. Verificámos ao longo das páginas anteriores que este historiador e numismata foi não só um dos principais responsáveis por conferir visibilidade a esta coleção de utilidade pública, mas também uma das figuras mais marcantes do percurso desta instituição, numa época em que ainda se davam os primeiros passos no sentido da conservação, estudo e divulgação da coleção que resultara da fusão entre os núcleos de peças associadas à Casa da Moeda e à Casa de Bragança.

O trabalho levado a cabo por Damião Peres foi especialmente relevante a três níveis: por um lado, no tocante ao inventário de uma coleção que ainda aguardava estudo sistemático, mas que seria posta à fruição do público numa estrutura museológica especificamente dedicada à coleção numismática em dois edifícios diferentes; por outro, no respeitante à elaboração de trabalhos que procedessem à integração histórica das moedas que a compunham e que, simultaneamente, oferecessem ao público mais especializado um catálogo de peças identificadas e referenciadas sob os pontos de vista museológico e científico; por fim, no tocante à gestão de um processo jurídico e administrativo que se mostrou

particularmente complexo, mas que, pelos meados da década de 30 do século XX, terá assegurado a transferência dos direitos de propriedade ou titularidade sobre a Coleção D. Luís para o domínio público do Estado Português.

O trabalho levado a cabo por Damião Peres apoiou-se não só no estudo do espólio arquivístico e bibliográfico que se encontrava na Casa da Moeda e que permitia o estudo da história da instituição desde a época medieval, mas também no contacto com outros interlocutores, coletivos e singulares, interessados em oferecer à instituição peças que vieram a enriquecer o acervo constituído na

sequência da fusão dos núcleos fundadores. Pioneiro pela forma como procedeu ao estudo da coleção, o seu trabalho acabou por se revelar original também pela maneira como desenvolveu metodologias científicas, de que outras instituições análogas portuguesas ainda careciam nos meados do século XX. Como é evidente, a conjugação de todos estes esforços terá sido fundamental não só para a divulgação da coleção numismática que tinha sido posta à fruição do público, mas também para a afirmação do Museu Numismático Português como entidade dotada de uma importante missão junto da sociedade.

MÁRIO GOUVEIA

Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Museu Casa da Moeda (INCM/MCM)

mario.gouveia@incm.pt

O que é um museu?
Reflexões sobre
a definição
proposta pelo
ICOM – International
Council of Museums
(Praga, 2022)

REVISTA M · Nº 4 · 2021/2022 · 89 - 96

RESUMO

Este artigo visa apresentar algumas reflexões pessoais acerca da definição de «museu» proposta pela Assembleia Geral Extraordinária do ICOM – International Council of Museums, reunida em Praga a 24 de agosto de 2022. Entre outros aspetos relevantes, estas reflexões permitem-nos compreender os museus como instituições, ao serviço da sociedade, cuja missão se associa à partilha de conhecimentos e experiências junto das comunidades, tendo em vista conferir relevância atual ao património material e imaterial.

PALAVRAS-CHAVE: ICOM – International Council of Museums; museu; património material e imaterial; definição.

ABSTRACT

This essay aims to present some personal thoughts on the definition of «museum» proposed by the Extraordinary General Assembly of ICOM – International Council of Museums, gathered in Prague in August 24, 2022. Among other relevant aspects, these thoughts allow us to understand the museums as institutions, at the service of society, whose mission is associated with sharing knowledge and experiences with communities, in order to give current relevance to the material and immaterial heritage.

KEYWORDS: ICOM – International Council of Museums; museum; material and immaterial heritage; definition.

«Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética e profissionalmente e com a participação das comunidades, proporcionando experiências diversas para a educação, a fruição, a reflexão e a partilha de conhecimento.»

(Assembleia Geral Extraordinária do ICOM; Praga, 24 de agosto de 2022)

Foi com estas palavras que a Assembleia Geral Extraordinária do ICOM – International Council of Museums, reunida em Praga a 24 de agosto de 2022, votou aquela que vai ser a nova definição de «museu» para as gerações do século XXI. A proposta foi aprovada por esmagadora maioria, tendo recebido 487 (92,41%) votos a favor, 23 (4,36%) votos contra e 17 (3,23%) abstenções. Aprovada em inglês, francês e espanhol, a proposta foi depois traduzida para português num trabalho de colaboração entre o ICOM Portugal, o ICOM Brasil e o ICOM Moçambique, tendo estas instituições sido auxiliadas, nesta tarefa, por vários profissionais de museus oriundos dos países de língua portuguesa. Mas, não obstante o facto de se tratar de um marco para a história da museologia, o que será que esta definição quer verdadeiramente dizer? Ao longo deste artigo, refletiremos não só

sobre as implicações desta formulação, mas também sobre as consequências que dela advêm, no tocante à missão dos museus como instituições que salvaguardam o património material e imaterial.

“
A museum is a not-for-profit, permanent institution in the service of society that researches, collects, conserves, interprets and exhibits tangible and intangible heritage. Open to the public, accessible and inclusive, museums foster diversity and sustainability. They operate and communicate ethically, professionally and with the participation of communities, offering varied experiences for education, enjoyment, reflection and knowledge sharing.

“
Un musée est une institution permanente à but non lucratif et au service de la société, qui se consacre à la recherche, la collecte, la conservation, l'interprétation et l'exposition du patrimoine matériel et immatériel. Ouvert au public, accessible et inclusif, il encourage la diversité et la durabilité. Les musées opèrent et communiquent de manière éthique et professionnelle, avec la participation de diverses communautés. Ils offrent à leurs publics des expériences variées d'éducation, de divertissement, de réflexion et de partage des connaissances.

“
Un museo es una institución sin ánimo de lucro, permanente y al servicio de la sociedad, que investiga, colecciona, conserva, interpreta y exhibe el patrimonio material e inmaterial. Abiertos al público, accesibles e inclusivos, los museos fomentan la diversidad y la sostenibilidad. Con la participación de las comunidades, los museos operan y comunican ética y profesionalmente, ofreciendo experiencias variadas para la educación, el disfrute, la reflexión y el intercambio de conocimientos.

Figura 1 – Versões inglesa, francesa e espanhola do conceito de «museu» proposto pela Assembleia Geral Extraordinária do ICOM (fonte: página do ICOM no Facebook; acesso: 25/08/2022).

À partida, diríamos que a definição proposta encerra uma série de desafios para os profissionais que atuam nesse setor, mas estes não são os únicos que são convidados a dar resposta a esses desafios. Quando analisamos a formulação, a primeira ideia que nos vem à cabeça é a de que a palavra «museu» ocupa nela um lugar de destaque. Sob o ponto de vista formal, podemos dizer que a definição é apresentada como um texto breve, constituído por três frases. Todas as frases utilizam a palavra «museu», que surge assim como objeto de uma formulação objetiva, direcionando a atenção do leitor para aquilo que importa. Como outras definições, não há aqui lugar para elucubrações irrealistas ou imaginativas. O museu *é o que é* – mas coube à instituição que o representa, o ICOM – International Council of Museums – propor uma definição que permitisse esclarecer as facetas da sua missão na sociedade: mais do que uma *instituição*, o museu é entendido como uma *instituição ao serviço da sociedade*, que se caracteriza por funcionar em permanência e não se orientar segundo uma lógica de lucro, suscetível de transformar o património, seja ele material ou imaterial, num objeto de comércio.

Porque está ao serviço da sociedade, o museu é uma instituição cujas portas estão abertas em direção à comunidade e não em direção a si própria. Já não estamos perante uma conceção de museu como instituição que vive fechada sobre si mesma, estudando e conservando coleções inacessíveis, mas sim como uma realidade em contacto com o mundo,

com os cidadãos que constituem o que se entende por sociedade e que, por inerência de significação, se consideram partes integrantes de uma realidade comum. Mas a definição de museu não se esgota nesta ressalva, porque o museu é entendido como uma realidade *ao serviço*: isto implica não apenas uma abertura em relação ao mundo que o rodeia, mas sobretudo uma atitude nova em relação a esse mundo. Essa atitude pressupõe a capacidade de se adequar e se adaptar a uma realidade que é a do seu destinatário e não a de si próprio. No museu do século XXI, *estar ao serviço da sociedade* é, pois, uma missão que se reveste de carácter programático: ajuda-nos a todos, como cidadãos, a definir uma das suas incumbências, que é falar com o mundo, partilhar com ele o conhecimento e a experiência.

Na prática, esta missão parece exigir do museu a capacidade de se adaptar às transformações que se operam no seio de uma sociedade em mutação, pelo que o centro das atenções não é já *o museu*, mas sim *o museu em sociedade*. Por isso, a definição propõe que se caracterizem as atribuições do museu tendo em conta um conjunto de verbos programáticos, que sintetizam aquilo que *se faz* e aquilo que *se sabe fazer* num museu: o museu é a instituição que «pesquisa», «colecciona», «conserva», «interpreta» e «expõe». O museu promove o estudo das suas coleções através de processos que visam contextualizar os objetos – aqui entendidos numa aceção material ou imaterial –, que resultam da atividade humana e cuja compreensão deve ter

em linha de conta a referência humana. Ao fazê-lo, o museu não só conserva os objetos ao longo dos tempos, transmitindo-os de geração em geração, mas também as tradições e as memórias associadas a esses objetos, que funcionam como moldura que lhes confere sentido e atualidade. Por isso o museu promove a sua interpretação e divulgação: isolados, os objetos não falam nem nunca falarão por si próprios; falta-lhes quem lhes dê voz: o *contexto* que lhes imprime densidade semântica e o *pretexto* que lhes atribui dimensão fruível. Essa voz não é apenas a do profissional do museu; também é, como é natural, a do visitante do museu.

De facto, o museu ao serviço da sociedade é uma realidade em que o público participa, de forma ativa e interventiva, na produção do sentido e na construção da memória. Pesquisar, colecionar, conservar, interpretar e expor são tarefas que cabem aos profissionais do setor, mas que também exigem da parte do público a capacidade de se envolver e integrar. Esses processos não são apenas físicos; são também processos metafísicos, em que o corpo e a mente do visitante são convidados a participar e a interagir com os objetos expostos ou até a entrar numa dimensão paralela à existência humana, por meio da qual todos são convidados a fazer uma viagem no tempo, a ultrapassar os limites impostos pelas fronteiras espaciais e temporais, a participar de uma realidade que, não sendo já a sua, acaba, no entanto, por ser também sua. Os museus do século XXI têm uma dimensão interativa que

lhes confere vida para além da matéria exposta e que é capaz de transformar a visita numa experiência que se guarda para sempre. No futuro, a memória da matéria poderá até desvanecer-se; ficará, no entanto, a memória da experiência, que tornará o museu uma realidade sempre viva e atual.

Mas a função do museu, segundo a definição proposta, não se esgota nestes pressupostos. A definição reitera a ideia de que o museu é uma instituição aberta ao público, o que significa que a sua atenção deve ser dirigida ao público. Assim sendo, é necessário que os seus profissionais tenham em conta as especificidades do público a que se dirigem, caso contrário correm o risco de estar a falar para si próprios. Este aspeto está relacionado não só com a necessidade de se criar uma narrativa apropriada em torno dos objetos expostos, mas também com a adequação dessa narrativa, que configura, ela própria, uma forma de discurso sobre o passado, ao público que irá visitar o museu e apreciar as suas coleções. Isto significa que o museu do futuro deve ser, por natureza, acessível e inclusivo: não basta ter as suas portas abertas ao público; é preciso ir ao encontro das necessidades do público. Para isso, os critérios que devem ser tidos em conta são os que dizem respeito à acessibilidade e à inclusividade. Mas estes critérios, só por si, não definem o que é um museu.

Além de acessível e inclusivo, o museu deve ser uma instituição que promove dois outros valores: a diversidade e a sustentabilidade. A diversidade

é o valor que nos permite compreender que as coleções expostas num museu são testemunho da natureza plural das sociedades humanas. Falar sobre a diversidade implica ter em conta que a sociedade se constrói com base na semelhança e na diferença: esta é entendida como um valor que permite construir uma sociedade múltipla na forma como expressa as suas ideias, opiniões ou perspectivas, em que não há lugar para posições dogmáticas ou verdades incontestáveis. Como é evidente, esta questão está relacionada com o facto de o discurso sobre o passado ser, ele próprio, uma realidade (re)construída por cada geração, e, por este motivo, suscetível de ser (re)pensada à medida que é produzido conhecimento inovador. O museu que está atento à diversidade é o museu que inclui a diferença e que dá voz a todos aqueles que, ontem como hoje, participam da história.

Por outro lado, a sustentabilidade é o valor que nos leva a considerar o museu como uma realidade em interação com o mundo que a rodeia. Falar de sustentabilidade significa ter em conta a capacidade que as sociedades têm de utilizar recursos que não podem ser desperdiçados, sob pena de as gerações do futuro terem a sua vida comprometida. Esta questão levanta problemas de vária índole: o ético, isto é, aquilo que se relaciona com o respeito pela dignidade da pessoa humana e pelo ambiente em que esta se desenvolve e manifesta socialmente; o ambiental, ou seja, a atenção em relação aos recursos que são mobilizados para satisfazer necessidades presentes, sem

comprometer um futuro que é de todos os cidadãos; e o energético, isto é, aquilo que diz respeito à utilização da energia enquanto motor do desenvolvimento económico, sem o qual as condições de vida da população tendem a degradar-se ou a deteriorar-se. Se tivermos em conta estes três problemas, chegaremos à conclusão de que o trabalho desenvolvido no museu deve ser perspectivado a longo prazo e não pode atender apenas às necessidades das sociedades do presente, visto que é também em função do devir que o museu se projeta e se realiza.

Mas é claro que a questão relativa à diversidade e à sustentabilidade não é condição suficiente para que se possa definir o papel de um museu. De facto, o museu é uma instituição que funciona e comunica, ética e profissionalmente, com a participação das comunidades. Isto significa que o museu é uma realidade que guarda tradições e memórias que devem ser transmitidas à sociedade, dela se esperando também envolvimento e participação. Essa transmissão pressupõe uma articulação entre duas questões: por um lado, a ideia de que a comunicação é um processo que conduz à partilha, e, por outro, a noção de que esse processo tem como destinatário a comunidade como um todo. O museu comunica porque a sua missão implica uma partilha: a partilha de conhecimento, é um facto, mas também, e sobretudo, a partilha da experiência. Como é natural, a partilha não ocorre de forma livre, mas dentro dos limites que configuram o que é ético e profissional: estes limites estão enquadrados pelas boas práticas

e estão direcionados para o mundo exterior.

Por isso, quando se diz que um museu é uma instituição enquadrada por orientações éticas e profissionais, aquilo que se está a dizer é que o trabalho desenvolvido segue normas e convenções aceites nacional e internacionalmente. Trabalhar num museu significa ter em conta aquilo que emana da legislação aplicável e das convenções que regulam a salvaguarda do património material e imaterial. Para que isso ocorra, é necessário que os museus não apenas pesquem, colecionem, conservem, interpretem e exponham o património, mas também «funcionem» e «comuniquem» dentro de critérios definidos. «Funcionar» significa que o museu está em atividade e exerce a função que lhe é inerente: o museu age, opera, move-se de forma a alcançar objetivos que visam facultar o acesso ao património e torná-lo compreensível a todos os cidadãos. «Comunicar» significa que o museu transmite, partilha, torna comum tudo aquilo que permite levar o conhecimento e a experiência além das fronteiras impostas pelas coordenadas de espaço e tempo.

Na prática, isto significa que o museu deve estar voltado para fora e não para dentro: isto implica a capacidade não só de projetar aquilo que nele se faz, mas também de mobilizar o seu destinatário para uma causa que é, afinal, comum. Quando dizemos comum, estamos a referir-nos a algo que é partilhado entre a instituição e a sociedade: essa partilha é mediada pela noção de serviço, isto é, o ato ou efeito de servir uma causa tendo

em vista responder às necessidades dos cidadãos, ou seja, da comunidade. Nesta ótica, a instituição e a sociedade definem-se como instâncias cooperantes, que trabalham para alcançar objetivos partilhados, para salvaguardar as tradições e as memórias do passado, para as tornar, no fundo, uma realidade representável, ou seja, que se pode tornar de novo presente quando se estabelece a relação de mediação entre o passado, o presente e o futuro. Essa relação de mediação pressupõe algo que está para além do objeto exposto no museu: falamos, como é natural, da participação das comunidades.

Com efeito, as comunidades devem partilhar da construção dessas tradições e memórias porque elas têm uma função identitária: o museu conta histórias acerca de tempos que já passaram, mas que, para todos os efeitos, potenciam leituras vivas e atuais. As comunidades formam a sua personalidade através dos objetos que herdaram do passado e por meio dos quais se realiza a sua interação social. As comunidades encerram uma dimensão relacional que é percebida por contraste em relação ao outro, ou seja, pela capacidade que estas têm de se diferenciar das restantes entidades. Porque participam dessa construção, as comunidades tornam-se agentes de um processo que visa definir o que lhes é próprio, isto é, que tem como objetivo contribuir para a definição da sua identidade, por comparação ou diferenciação relativamente ao outro. Falar de identidade significa, por conseguinte, falar de alteridade: como instituição

que salvaguarda o património, o museu constrói discursos e narrativas que nos permitem compreender o carácter singular da história de cada comunidade.

É também por este motivo que as comunidades são chamadas a intervir em todo este processo. Mas a definição proposta não utiliza o conceito de «intervenção», uma vez que prefere falar de «participação». A escolha deste conceito terá que ver com o seu carácter polissémico: «participar» não significa apenas ser parte integrante de uma determinada realidade; «participar» significa também avisar, comunicar, transmitir. Em última instância, o conceito pressupõe a capacidade que os indivíduos têm de estar, atuar, colaborar, comparecer, compartilhar, isto é, de se envolver. Quando a definição fala de «participação das comunidades», o que está em causa é a possibilidade que se reconhece às comunidades de se associarem, pelo pensamento ou pelo sentimento, a uma dada causa ou missão. Isto vai ao encontro de algo sobre o qual já falámos antes: a ideia de que o museu é uma instituição que presta um serviço à sociedade, sendo esse serviço assegurado por uma relação de mediação em que o património desempenha a função de elemento agregador.

Mas é claro que a definição proposta também coloca a tónica na ideia de que o museu cumpre uma função social. Quando se fala da participação das comunidades, aquilo que se pretende afirmar é que o museu deve proporcionar experiências que visam objetivos variados: entre estes, a «educação», a «fruição», a «reflexão» e a «partilha de

conhecimento». Na prática, o trabalho que nele se desenvolve é, por natureza, dinâmico, na medida em que tem em conta um destinatário ao qual é necessário proporcionar conhecimentos e experiências. Ao cruzar estes dois conceitos, a definição define um caminho em que o museu se projeta como instituição que visa estabelecer um diálogo com as comunidades que participam do seu projeto museológico. Este diálogo visa educar os cidadãos no sentido de que estes sejam capazes de compreender o valor inerente ao legado das sociedades do passado, de forma cada vez mais autónoma e responsável.

Mas este diálogo também visa criar as condições para que este legado possa ser usufruído pelas gerações do presente e do futuro, criando com elas sinergias que têm como objetivo facultar o acesso ao conhecimento e à experiência. O museu cuja missão é estar ao serviço da sociedade é também aquele que, para além da fruição, proporciona a reflexão sobre esse legado, de forma a que ele possa ser compreendido como algo capaz de conferir sentido à existência humana e aos valores que a enquadram. Em última instância, estes valores são aquilo que nos ajuda a definir a nossa própria condição como cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. Além disso, estes valores são também aquilo que nos permite construir um futuro em que o museu, como instituição ligada à salvaguarda do património, age como instância que conserva, estuda e divulga as tradições e as memórias que lhes estão associadas.

CONVITE À APRESENTAÇÃO DE ARTIGOS

A *Revista M* é a revista digital do Museu Casa da Moeda. Nela se publicam textos originais que incorporem contributos substanciais para a investigação em Numismática, Medalhística e outras ciências. Os trabalhos publicados pautam-se pelos mais elevados padrões de exigência e rigor científico.

A *Revista M* é uma publicação de acesso aberto e periodicidade anual. Os originais enviados para publicação podem apresentar-se sob a forma de artigos, notas de investigação, estados da arte, resenhas ou notícias.

Os originais devem ser redigidos em português segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, mas também se aceitam contribuições em inglês. Os originais devem ser apresentados em letra *Times New Roman*, com texto justificado e datilografado a letra 12 (corpo do texto) e 10 (notas de rodapé), espaçamento 1,5. A extensão dos textos não deve ultrapassar as 15000 palavras (artigos, notas de investigação e estados da arte), 2500 palavras (resenhas) ou 500 palavras (notícias). São permitidas imagens a cores com fundo branco.

Os originais devem ser enviados em formato digital editável (ficheiro *Word*) para o *e-mail* museucasadamoeda@incm.pt, ao cuidado do editor da revista.

Os originais que se enquadrem nas tipologias de artigo, notas de investigação e estados da arte devem conter obrigatoriamente os seguintes elementos:

- Título;
- Nome(s) do(s) autor(es);
- Filiação institucional do(s) autor(es);
- *E-mail* profissional do(s) autor(es);
- Resumo do artigo (máximo de 200 palavras), na língua do texto e numa segunda língua (português/inglês);
- Cinco palavras-chave, na língua do texto e numa segunda língua

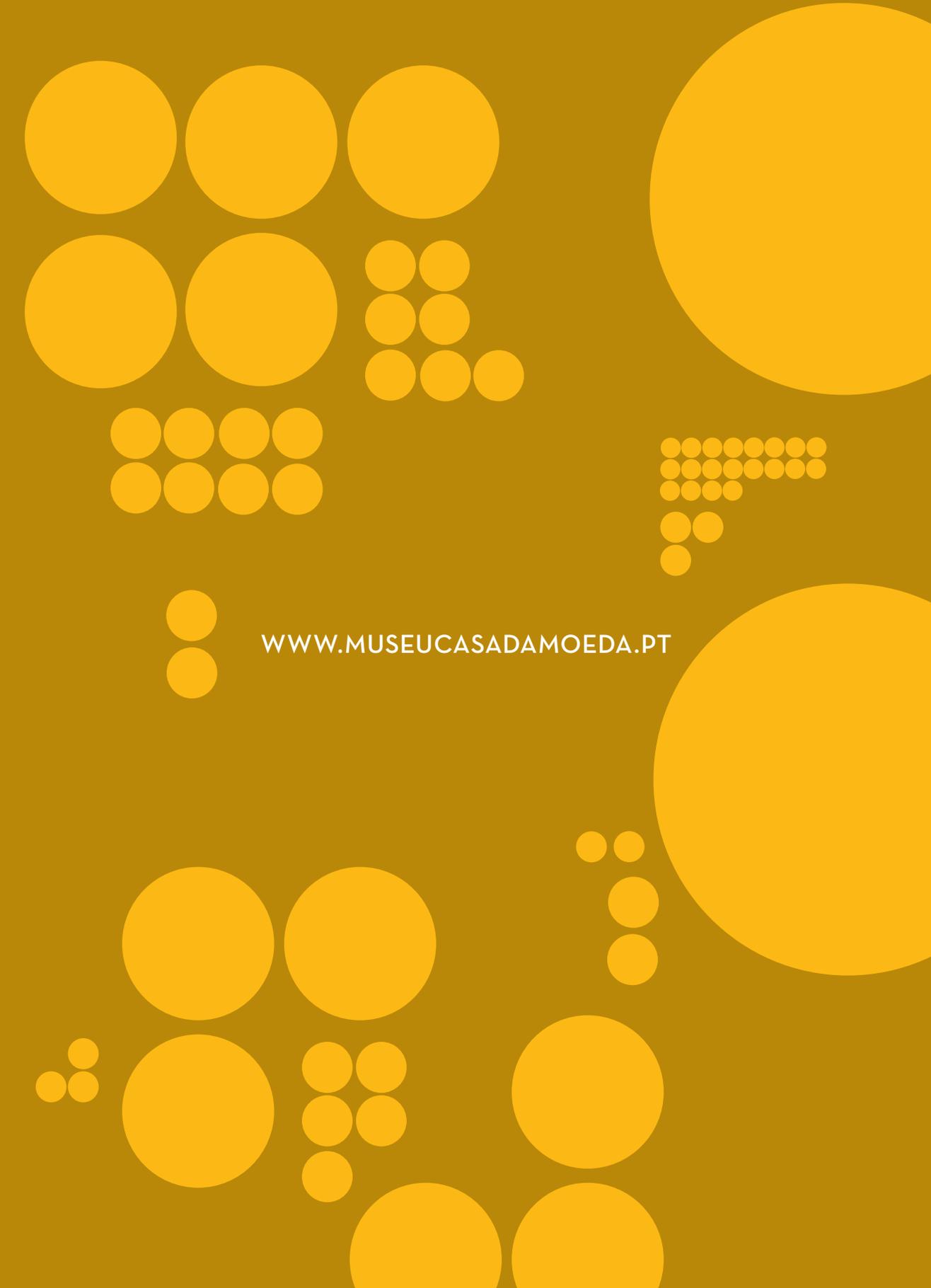
(português/inglês);
– Bibliografia final com todos os títulos citados.

Os comentários ao texto e as referências bibliográficas de apoio ao texto devem ser remetidos para notas de rodapé, aconselhando-se, nestes casos, a existência de notas concisas.

Todos os originais são submetidos a leitura prévia pelo conselho editorial da revista, e, nos casos dos artigos, das notas de investigação e dos estados da arte, também por um revisor da especialidade, que emite um parecer positivo ou negativo à sua publicação. Os autores dos originais podem ser convidados, sempre que o parecer o justifique, a refazer parcialmente os seus textos em prazo estipulado, de forma a que estes se enquadrem nos padrões de qualidade da revista. Os originais não são devolvidos aos autores. Os editores reservam-se o direito de publicar ocasionalmente textos de elevado interesse sem os submeter ao processo de arbitragem científica.

Os autores dos textos publicados devem estar cientes de que os respetivos leitores podem ler, descarregar, imprimir, distribuir ou referir os textos noutros locais, sem autorização prévia da publicação ou dos autores, desde que devida e corretamente citados.

Os editores da revista não se responsabilizam por quaisquer infrações à lei que decorram da publicação dos originais recebidos, nomeadamente no que respeita aos direitos de autor sobre os textos e as imagens enviados para publicação, que são da inteira responsabilidade dos autores dos originais.



WWW.MUSEUCASADAMOEDA.PT